

MARLON JOSÉ VINTER

**SANTIDADE:
comunhão e configuração na dinâmica da Graça**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Teologia da Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC), para a obtenção do Grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Me. Kelvin Borges Konz.

Florianópolis
2024

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC

Vinter, Marlon José
Santidade: comunhão e configuração na dinâmica da
Graça / Marlon José Vinter; Orientador: Me. Kelvin
Borges Konz; Florianópolis, SC, 2024.
68 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de
Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Santidade 2. Graça 3. Configuração. II. Título.

Marlon José Vinter

**SANTIDADE:
comunhão e configuração na dinâmica da Graça.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de
Bacharel em Teologia e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 07 de agosto de 2024.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Coordenador do Curso de Bacharelado em Teologia

Banca Examinadora:

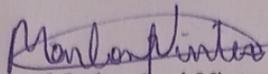
Prof. Me. Kelvin Borges Konz
FACASC
Orientador

Prof. Dr. Vitor Galdino Feller
FACASC
Avaliador



FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA (FACASC)

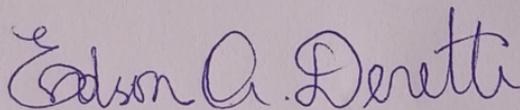
Rua: Deputado Antônio Edu Vieira, 1524 - Caixa Postal nº 5041 - Bairro: Pantanal
88.040.245 - Florianópolis (SC) - Brasil - CNPJ nº 82 898 891/0005-33 -
Fone/Fax: (48) 3234-0400
Site: www.facasc.edu.br - E-mail: secretaria@facasc.edu.br


Marlon José Vinter

Santidade: comunhão e configuração na dinâmica da Graça.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Teologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

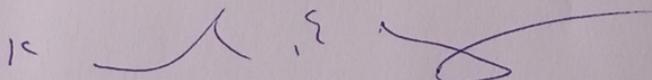
Florianópolis, 07 de agosto de 2024.



Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti

Coordenador do Curso

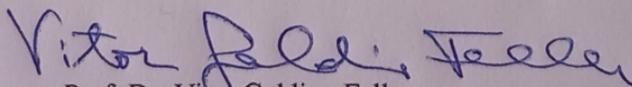
Banca Examinadora:



Prof. Me. Kelvin Borges Konz

Faculdade Católica de Santa Catarina

Orientador(a)



Prof. Dr. Vitor Galdino Feller

Faculdade Católica de Santa Catarina

Avaliador(a)

Dedico esta pesquisa à glória da Santíssima Trindade, um só Deus criador, redentor e santificador. Aos meus familiares, amigos e a todos os que desejam se aventurar no caminho da santidade, atraídos pelo amor de Jesus Cristo.

Agradeço à Santíssima Virgem Maria, minha Mãe e Senhora, por suas incessantes intercessão e presença em meu caminho formativo. À Diocese de Joinville, nas pessoas de Dom Francisco Carlos Bach e pe. Edson Adolfo Deretti, pela oportunidade recebida de percorrer o caminho vocacional e realizar os estudos teológicos. À Faculdade Católica de Santa Catarina, nos seus professores e colaboradores, que tanto fizeram para que fosse possível este percurso. Aos irmãos seminaristas, que me suportaram – nos dois sentidos do termo – pela paciência, testemunho e generosidade. Aos amigos, familiares e benfeitores, por suas ajudas e intercessão. Ao professor orientador desta pesquisa, pe. Me. Kelvin Borges Konz, por acompanhar o desenvolvimento desta pesquisa.

Todo santo é homem antes de ser santo, e um santo pode ser feito de todo tipo de homem.
(G. K. Chesterton)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso visa apresentar a obra da santificação humana pela Graça divina como um caminho de comunhão e configuração a Cristo. O trabalho perpassa a História da Salvação, pela qual compreende-se que desde o princípio o ser humano foi chamado para a comunhão com Deus e, mesmo tendo pecado, o Criador não o abandonou. Para tanto, o Filho se encarnou e consumou sua vida no Mistério Pascal merecendo a salvação, que é aplicada a cada pessoa no Batismo. Nesse sacramento o fiel é incorporado a Cristo e à Igreja, feito filho adotivo do Pai pela ação do Espírito Santo, desenvolve a vida cristã, maximamente a caridade, cooperando com a Graça para ser configurado com Cristo em sua vocação específica. A Pesquisa será de cunho bibliográfico, baseando-se nas Escrituras, na Tradição e em outros textos teológicos. Sua relevância está em apresentar o caminho de comunhão e configuração sendo para todos, sem exceção.

Palavras-chave: 1. Santidade 2. Comunhão 3. Configuração 4. Graça

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Ap – *Apocalipse de São João*
 At – *Atos dos Apóstolos*
 CD – *Christus Dominus*
 CIgC – *Catecismo da Igreja Católica*
 Cl – *Epístola aos Colossenses*
 DCE – *Deus Caritas Est*
 DH – *Denzinger-Hünemann*
 Dt – *Livro do Deuteronômio*
 DV – *Dei Verbum*
 Ef – *Epístola aos Efésios*
 EG – *Evangelii Gaudium*
 Ex – *Livro do Êxodo*
 Ez – *Ezequiel*
 Fl – *Epístola aos Filipenses*
 GeE – *Gaudete et Exsultate*
 Gn – *Livro do Gênesis*
 Gl – *Epístola aos Gálatas*
 GS – *Gaudium et Spes*
 Hb – *Carta aos Hebreus*
 Is – *Isaias*
 Jl – *Joel*
 Jo – *Evangelho segundo João*
 Jr – *Jeremias*
 Lc – *Evangelho segundo Lucas*
 LG – *Lumen Gentium*
 LS – *Laudato Si*
 Lv – *Livro do Levítico*
 Mc – *Evangelho segundo Marcos*
 Mt – *Evangelho segundo Mateus*
 Os – *Oseias*
 PC – *Perfectae Caritatis*
 PO – *Presbyterorum Ordinis*
 Rm – *Epístola aos Romanos*
 Sf – *Sofonias*
 Sl – *Livro dos Salmos*
 Tg – *Epístola de Tiago*
 1Cor – *Primeira Epístola aos Coríntios*
 1Jo – *Primeira Epístola de João*
 1Pd – *Primeira Epístola de Pedro*
 1Tm – *Primeira Epístola a Timóteo*
 1Ts – *Primeira Epístola aos Tessalonicenses*
 2Cor – *Segunda Epístola aos Coríntios*
 2Rs – *Segundo Livro dos Reis*
 2Sm – *Segundo Livro de Samuel*
 2Tm – *Segunda Epístola a Timóteo*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 A SANTIFICAÇÃO: FINALIDADE DA CRIAÇÃO DO HOMEM.....	9
1.1 O HOMEM CRIADO PARA A COMUNHÃO COM DEUS.....	9
1.2 O PECADO: FELIZ CULPA DE ADÃO.....	14
1.3 DEUS NÃO ABANDONOU A SUA CRIAÇÃO.....	19
2 A OBRA DA GRAÇA NO HOMEM A PARTIR DO BATISMO.....	24
2.1 JESUS CRISTO: RESTAURADOR DA HUMANIDADE.....	24
2.2 BATISMO: O INÍCIO DA OBRA DA GRAÇA.....	34
3 A CONFIGURAÇÃO A CRISTO NA VIDA DO FIEL.....	42
3.1 VOCAÇÃO UNIVERSAL À SANTIDADE.....	42
3.2 O FUNDAMENTO ESPIRITUAL DA SANTIDADE.....	46
3.3 OS MESMOS SENTIMENTOS DE CRISTO: A CARIDADE CRISTÃ.....	52
3.4 CONFIGURAR-SE A CRISTO NA VOCAÇÃO ESPECÍFICA: APONTAMENTOS.....	57
CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65

INTRODUÇÃO

Comunhão em si mesmo na unidade das três Pessoas, Deus criou o ser humano para a viver esta comunhão, no amor. Ainda que o pecado tenha maculado esta constituição original, fazendo com que houvesse um comprometimento na participação humana nessa vontade divina, o Pai não abandonou a sua criatura. Através da obra da redenção, Ele abriu os caminhos para restaurá-la através da missão do Filho, Jesus Cristo, e do Espírito Santo. Esta é a obra de santificação, oferecida aos homens que são unidos e configurados a Cristo pelo graça do Batismo. Encontram-se aí a criatura humana que se abre ao Criador e o Dom de Deus que dinamiza e concretiza este processo ao longo da vida.

Esse caminho de santificação, que Deus vai conduzindo na história do fiel, não é exclusivo de alguns poucos, mas é um convite a todos, desde os que já foram incorporados a Cristo àqueles que ainda não iniciaram este processo. Ademais, o objetivo desse projeto de santidade é uma verdadeira comunhão e configuração a Cristo, visto que esse mistério já aconteceu na esperança, derramada no Batismo, e é vontade de Deus que se concretize em cada cristão. É preciso salientar isso porque, ao longo da história, não faltaram falsas doutrinas que afirmaram reducionismos em relação ao tema da santidade, como se ela fosse restrita a alguns poucos. De outro lado, diversos santos e, com grande destaque, o Concílio Vaticano II, proclamaram dos telhados a universalidade do chamado à santidade, que é o chamado a identificar-se com Cristo como novas criaturas, redimidas em seu sangue.

Percebe-se nos contextos pastorais e nas mídias sociais um interesse crescente dos católicos na busca pela compreensão e vivência da santidade. No entanto, também hoje não faltam reducionismos e más-compreensões no que consta a esse tema dentro da vida eclesial. De um lado encontram-se posições materialistas, influenciadas ora pelo liberalismo, ora pelo marxismo, que interpretam a vida cristã quer como bem-estar material quer como cuidado com os mais necessitados e excluídos sem qualquer referência à transcendência. De outro lado está o excessivo moralismo imposto aos quais almejam a santidade, que os leva, não poucas vezes, aos escrúpulos. Neste sentido podem ser citados problemas especialmente observados hoje, de acordo com o pontificado de Francisco, que são o mundanismo espiritual, o neopelagianismo e o neognosticismo.

Tais observações sustentam a motivação e a relevância deste Trabalho de Conclusão de Curso. Diante de diversos discursos equivocados e “aristocráticos”, esta pesquisa buscará não forjar um tratado acerca da santidade, muito menos uma reflexão extensa e definitiva desse tema, mas uma busca por um ponto de vista que esteja ao alcance de cada cristão consciente de

sua alta vocação. O problema proposto é, justamente, acerca da compreensão da santidade como comunhão e configuração a Cristo pela Graça. Questiona-se de que forma a Igreja concebe esta obra da santidade como obra de Deus cooperada pelo homem como um caminho de comunhão e configuração. A pesquisa irá seguir o método de pesquisa bibliográfica e culminará no cumprimento do objetivo geral de *apresentar a obra da santificação humana pela Graça divina como processo de comunhão e configuração com Cristo*. Para tanto, três etapas serão cumpridas: (I) *mostrar a natureza humana como lugar da ação divina*; (II) *conceituar o Batismo como porta da obra da Graça*; e (III) *expor a santificação como processo de configuração com Cristo*.

As etapas cumpridas formarão os três capítulos dos quais está composto esse Trabalho de Conclusão de Curso, considerando um *crecendum* no seu desenvolvimento, sendo o primeiro mais breve e o último mais extenso. Isto se dará porque, no primeiro capítulo, abordar-se-á a destinação do homem para a comunhão com seu Criador desde as origens, e mesmo embora o pecado, Deus não abandonou sua criatura, mas agiu para resgatá-la. Por conseguinte, tal resgate a restauração da humanidade se dá pela obra da Graça desde o Batismo, e para compreender isto, o segundo capítulo primeiro tratará da missão de Jesus Cristo como redentor-restaurador. Por fim, o terceiro e mais extenso capítulo tratará da vocação universal dos batizados à santidade, dos seus fundamentos espirituais, da caridade como ápice de comunhão e configuração e alguns apontamentos práticos recolhidos para a vocação específica de cada fiel. Como foi dito, não consistirá em um tratado sobre santidade que explore a sua conquista e as especificidades de cada estado de vida, mas um panorama geral dos fundamentos e direcionamentos da vida santa.

Almeja-se, com a pesquisa aqui apresentada, propor uma reflexão teológica que vá às bases da doutrina católica e que não seja partidária de reducionismos de nenhum tipo. Os fiéis católicos que acorrem às paróquias, e mesmo aos que buscam nas redes sociais, devem ter diante de si um caminho claro para que, em sua realidade, possa dar o seu bem possível diário na cooperação com a Graça. Não se pode pensar uma prática pastoral que ignore o fato de que cada pessoa é destinada à eternidade feliz com Deus e que a via ordinária para se alcançar esse objetivo é o caminho da santidade no cotidiano, destinado a todos. De fato, a mensagem de Cristo é uma mensagem universal, e sua Graça é a força de cada fiel que, na sua concretude cotidiana, procura, de fato, enveredar-se no caminho da santidade.

1 A SANTIFICAÇÃO: FINALIDADE DA CRIAÇÃO DO HOMEM

Deus, em sua imensa liberalidade e bondade, criou livremente o homem para fazê-lo participar de sua bem-aventurança. Sempre e em toda a parte está perto do homem, atraindo-o a Si, para que possa conhecê-Lo e amá-Lo.¹ E o ser humano se percebe chamado a isso pois, enquanto de um lado se vê limitado por sua condição de criatura, de outro se sente ilimitado em seus desejos e num chamado a uma vida superior.² Ele tem necessidade de abrir-se a um outro que lhe possa satisfazer a amplitude e profundidade de seus desejos, pois carrega consigo uma sede do infinito, uma necessidade de luz e verdade,³ que mostram ao ser humano a profundidade de sua vocação.

1.1 O HOMEM CRIADO PARA A COMUNHÃO COM DEUS

As primeiras páginas da Sagrada Escritura falam da criação do universo e da origem e finalidade do ser humano. O primeiro relato apresenta o homem como coroação da obra dos seis dias, feito à imagem e semelhança do Criador (Gn 1,26-27)⁴. O texto bíblico vai além do que era difundido entre os demais povos do Oriente, como babilônicos e egípcios, para os quais alguns indivíduos especiais – particularmente o rei – eram imagens da divindade. De acordo com a revelação bíblica, o ser humano não é imagem de um deus concebido por ele mesmo, mas de um Deus transcendente e do qual é impossível fabricar imagens. Somente o homem carrega consigo essa pretensão, que exprime a sua dignidade mais alta de não ser algo, mas alguém.⁵

Segundo o relato bíblico, três características humanas manifestam o ser imagem e semelhança: o domínio sobre as criaturas, o poder de gerar vida e a imortalidade.

“Com seu *domínio sobre a criação* [...] e por participação na ação criadora de Deus na *geração de descendência* (cf. Gn 5,3) os seres humanos cumprem a sua destinação de serem “imagem de Deus”. [...] A literatura sapiencial

¹ CATECISMO da Igreja Católica. 19 ed. São Paulo: Loyola, 2017, p. 13; CIgC 1.

² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral (*Gaudium et Spes*). In: VIER, Frederico (Org.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015; GS 10.

³ BENTO XVI. **Oração e santidade**: catequeses ao Povo de Deus. São Paulo: Molokai, 2018, p. 21.

⁴ Todas as citações bíblicas podem ser encontradas em: BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

⁵ LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Trad. Simão Voigt. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 442.

associa a semelhança do homem com Deus diretamente à destinação do homem para a incorruptibilidade (Sb 2,23)”⁶.

A incorruptibilidade, ou imortalidade, apresentam a realidade do homem simultaneamente como ser corporal e espiritual, numa unidade, destinado a algo mais que a degradação como matéria orgânica. A Escritura assim sugere a partir do segundo relato da Criação, no qual destaca que, após criar o homem, o Senhor insufla em suas narinas um hálito de vida e o homem se torna um ser vivente, habitando num jardim (Gn 2,7-8). Nesse mesmo lugar Deus passeava e se encontrava com sua criatura, como apresenta ainda outro texto (Gn 3,8). O hálito de vida em questão é tido como uma forma de expressar o princípio espiritual do homem, o *nefesh*, essa vitalidade interior dada por Deus e que não é uma oposição à corporeidade, mas expressão do homem todo como ser vivente.⁷ A tradição bíblica e eclesial denomina essa realidade de alma: princípio de vida, porém não fonte, pois a fonte é o próprio Senhor. Ensina São Leão Magno:

Com efeito, o primeiro homem recebeu sua substância carnal da terra e foi animado por uma alma racional que seu Criador insuflou nele, a fim de que, vivendo à imagem e semelhança de seu autor, conservasse os traços da bondade e da justiça de Deus, numa imitação admirável, que os refletisse como um espelho.⁸

Conforme ainda os relatos bíblicos supracitados, falou-se da criatura humana colocada num jardim. O jardim é uma forma antropomórfica para relatar o estado original da criação de Deus e da relação entre criaturas e Criador, baseado nos jardins reais e suas delícias, entre as quais a ‘árvore da vida’ e o ‘rio da vida’. Neste jardim, igualmente conhecido como Paraíso, o homem se encontra em seu estado querido originalmente por Deus, cultivando e guardando a criação. Estão presentes a familiaridade com Deus, o livre uso da maioria dos frutos do jardim, o domínio sobre os animais, a harmonia entre homem e mulher, a inocência moral e a ausência da morte. Contudo, também se encontra no jardim a provação do homem: a árvore do conhecimento do bem e do mal.⁹

Os relatos bíblicos das origens levam a conclusão de que o homem foi criado bom em si e num estado de ordem, na relação de amizade com Deus e na harmonia consigo mesmo e

⁶ SATTTLER, Dorothea; SCHNEIDER, Theodor. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). **Manual de Dogmática**. Vol 1. Trad. Ilson Kayser, Luís Marcos Sander, Walter Schlupp. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 148. [grifo do autor].

⁷ SATTTLER; SCHNEIDER. In: SCHNEIDER (Org.), 2012, p. 150.

⁸ SÃO LEÃO MAGNO. **Sermões**. Trad. Sérgio José Schirato. São Paulo: Paulus, 1996, p. 52. [Coleção Patrística].

⁹ LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.), 2013, p. 732-733.

com as outras criaturas. Esse estado é chamado de justiça e santidade originais, para o qual o homem recebeu o dom da Graça divina ao ser criado, por isso é um agraciado, possuindo um *status naturae elevatae et integrae*.¹⁰ Tamanha a Graça recebida que todas as dimensões humanas foram fortalecidas, por isso se excluía a morte (Gn 2,17) e o sofrimento (Gn 3,16). Diz Bernard Sesboüé que criando o ser humano, “Deus o inscreve no desígnio de comunicar-se com ele, de dar-se a ele. Ele põe nele uma vocação: o chama a Vê-lo. Essa vocação é mesmo primeira na ordem da intenção divina em relação à própria criação”.¹¹ Faz parte, portanto, da própria constituição humana a relação de comunhão com o Criador.

É na esteira de reflexão sobre o estado de amizade original que a Igreja crê e ensina, sintetizando em seu Catecismo:

O “domínio” do mundo que Deus, desde o início, havia outorgado ao homem, realizava-se antes de tudo no próprio homem como domínio de si mesmo. [...] O sinal da familiaridade com Deus é o fato de Deus colocar o homem no jardim. Lá, ele vive “para cultivar e guardar” (Gn 2,15): o trabalho não é uma penalidade, mas a colaboração do homem e da mulher com Deus no aperfeiçoamento da criação visível.¹²

Faz-se mister frisar que o fundamento de toda a obra da criação é um ato de liberdade e gratuidade de Deus. Não é por um ato de necessidade que Deus cria. Santo Tomás de Aquino ensina que, na sua divina simplicidade, Deus é subsistente em si mesmo, por isso não tem necessidade de nada.¹³ Deus opera nas criaturas não por necessidade natural, porque quem age assim produz um efeito único, continua o Aquinate. Sendo Deus todo-poderoso e agindo pelo arbítrio de sua vontade, produz efeitos diversos, os constituintes de todas as coisas criadas.¹⁴ A teologia clássica consagrou o axioma *bonum est diffusivum sui*, a bondade, a plenitude do ser, é em si comunicativa; uma das consequências disso é a afirmação de que Deus quis, livremente, criar todas as coisas, maximamente o homem, sua imagem e semelhança.

Essa gratuidade da *creatio ex nihilo* esclarece, além do mais, que o amor é a textura da realidade, sua trama original. E essa ontologia da *agapé*, do puro dom gratuito, responde a uma *teo*-logia da paternidade de Deus. Apenas um

¹⁰ MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática católica**: teoria e prática da teologia. Trad. Volney Berkenbrock, Vilmar Schneider, Paulo Ferreira Valério. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 102. “Estado de natureza elevada e íntegra”. [tradução nossa].

¹¹ SESBOÜÉ, Bernard. **O homem, maravilha de Deus**: ensaio de antropologia cristológica. Trad. Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulinas, 2021, p. 61.

¹² CIGC 377-378.

¹³ SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**. Vol. 1. Pars. Trad. Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2016, p. 317.

¹⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**. Trad. Odilão Moura. Campinas: Ecclesiae, 2017, p. 198-199.

Deus cujo ser é, pura e simplesmente *amor*, pode predicar-se, não a autogênese, nem a emanação necessária ou a produção forçada, mas a criação, o surgimento de algo diferente de si como algo desejado livremente e, portanto, digno de seu amor enquanto distinto.¹⁵

Tomando como verdade que o amor é o fundamento da realidade, enquanto motor da criação, há que se recordar que o amor é, antes de transbordar às criaturas, a realidade envolvente própria da Santíssima Trindade. Por isso, junto a revelação bíblica do Antigo Testamento, é preciso ter presente a revelação neotestamentária, cujo ápice pode-se dizer na afirmação que São João deixa em sua primeira epístola: Deus é amor (1Jo 4,8). Tal afirmação leva à conclusão de que o próprio Ser de Deus é amor, não estaticamente, mas um intercâmbio de amor nas três pessoas divinas, na sua indivisível unidade.¹⁶ Este é um dado que contém a possibilidade de ser extasiante ao passo que o ser humano compreende a dinâmica na qual está envolvido, o projeto do Criador para cada coração humano e para toda a sua obra, ao querer comunicar seu amor, sua graça e sua glória. Pois, como ensina a Mãe Igreja, um é o Deus e Pai no qual são todas as coisas, um o Senhor Jesus Cristo, o Filho, mediante o qual são todas as coisas e um é o Espírito Santo, em quem são todas as coisas.¹⁷

Continuando a reflexão a partir do Novo Testamento, percebe-se, sim, que fomos criados para a comunhão com Deus, com sua vida. Porém, há um dado novo e fundamental para a fé cristã: há um mediador, uma ponte, por quem essa comunhão acontece verdadeiramente, como uma mão estendida posta desde a criação. “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. [...] E o Verbo se fez carne e habitou entre nós;” (Jo 1,1-4.14a). O Verbo de Deus é o Filho, segunda pessoa da Santíssima Trindade, apresentado na redação joanina como mediador da Criação.

São Paulo, em sua primeira Carta aos Coríntios, também trata da mediação de Cristo na criação. Escreve ele que “para nós, contudo, existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para o qual caminhamos, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo procede e para quem caminhamos” (1Cor 8,5-6). Para Paulo o mundo exhibe uma reprodução cristológica de imagens: tudo foi criado por e para ele; além de que, nessa perícopa, pela primeira vez Cristo aparece contendo com exclusividade as funções criadoras, na reflexão até então atribuídas somente ao

¹⁵ DE LA PEÑA, Juan Luiz Ruiz. **Teologia da criação**. Trad. José Ceschin. São Paulo: Loyola, 1989, p. 118. [grifo do autor].

¹⁶ CIGC 221.

¹⁷ DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2007, p.154; DH 421.

Pai.¹⁸ Aparece também aqui a meta de comunhão, quando se diz de ambas as pessoas divinas que elas são o objetivo da caminhada cristã pela terra.

Seguindo nos escritos paulinos, a Epístola aos Colossenses traz consigo um hino cristológico de grande importância para a presente reflexão. Tal hino é aberto com a afirmação de que Cristo “é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura” (Cl 1,15). O termo imagem pode evocar o mesmo dito ao homem quando da sua criação, ser feito à imagem e semelhança. Santo Tomás explicita a diferença entre ser Imagem e ser criado à imagem. Diz o Doutor Angélico que a Imagem reproduz perfeitamente o ser do qual é imagem, por isso Cristo, o Filho, é Imagem, pois é da mesma substância do Pai. Enquanto o ser humano ser feito à imagem exprime uma imagem imperfeita, indicando uma aproximação e distância, simultaneamente, própria do que é criatura.¹⁹

Os Padres da Igreja comentaram acerca do significado de ser criado à imagem e semelhança, relacionando este dado com as faculdades espirituais da alma humana. Santo Hilário entende que a alma, racional e incorpórea, é a reprodução no ser humano da imagem e semelhança.²⁰ Para Santo Agostinho, de modo semelhante, a imagem está ligada à natureza racional do homem, visto que lhe foi dado domínio sobre as criaturas irracionais, um senhorio que o faz imagem de Deus entre as criaturas.²¹ São Gregório de Nissa também que a alma é imagem da natureza divina que governa todas coisas, sendo assim uma natureza régia, sendo imagem de Deus igualmente por três características: a razão, o pensamento e o amor.²² Quanto à semelhança, Santo Tomás, citando São João Damasceno, diz que a semelhança é a expressão e a perfeição da imagem, no que diz respeito ao amor da virtude.²³

Sobre a primogenitura de Cristo, recorda-se o direito do filho mais velho. Paulo não diz que ele é a primeira das criaturas, mas sim que é o primeiro e único Filho nascido do Pai, segundo a natureza divina, tendo assim o direito de herança em toda a obra da criação.²⁴ Cristo tem o direito “porque nele foram criadas todas as coisas” (Cl 1,16), e como o Apóstolo dos gentios escreve em outra ocasião, “tudo é dele, por ele e para ele” (Rm 11,36). O ser humano, feito à imagem e semelhança, é chamado a ser-em-Cristo. A reflexão fica ainda mais clara

¹⁸ DE LA PEÑA, 1989, p. 57-58.

¹⁹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, 2016, p. 622.

²⁰ SANTO HILÁRIO DE POITIERS. *In: SESBOÛÉ, Bernard (Dir.). O homem e sua salvação: séc. V-XVII.* Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2003, p. 101.

²¹ SANTO AGOSTINHO. *Comentário ao Gênesis.* Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo, Paulus, 2005, p. 108-109. [Coleção Patrística].

²² SÃO GREGÓRIO DE NISSA. *A criação do homem; A alma e a ressurreição; A grande catequese.* São Paulo: Paulus, 2011, p. 59-61. [Coleção Patrística].

²³ SANTO TOMÁS DE AQUINO, 2016, p. 633.

²⁴ HAHN, Scott; MITCH, Curtis. *As cartas de São Paulo aos Filipenses, aos Colossenses e a Filêmon.* Trad. Lucas Cardoso. Campinas: Ecclesiae, 2018, p. 48. [Coleção Cadernos de Estudo Bíblico].

quando se passa a um outro texto paulino na Carta aos Efésios. Em mais um hino cristológico, Paulo escreve que em Cristo o Pai nos escolheu “antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor” (Ef 1,4). Fala-se aqui de uma eleição dos homens em Cristo, desde a eternidade, para uma vocação no amor e na santidade, ou seja, de viver a vida divina e participar nela.

Quem de nós pensa nesta “eleição” desde toda a eternidade? Mas é este o pensamento que se apresenta primeiro a Paulo: desde toda a eternidade eu tenho sido objeto dum amor divino. Nem se deve pensar na previsão dum mérito da nossa parte. Aqui opera a pura prodigalidade de Deus que ama: para poder amar a mim, não só como criatura, mas como filho, Ele me escolheu com amor divino paterno desde toda a eternidade em Jesus Cristo. E mais – não tenho estado no pensamento de Deus a não ser em Jesus Cristo, e é só por causa disto que sou verdadeiramente digno do amor paterno de Deus.²⁵

Desse modo, fica claro que a humanidade desde o princípio, foi destinada a uma perfeita comunhão com seu Criador, enquanto expressão mais elevada de sua obra e senhor da criação. Tal senhorio sobre as demais criaturas nunca foi para a destruição, mas para o cuidado, pois o homem não é dono, mas cultivador e guardião.²⁶ Assim, o desejo de Deus está inscrito no coração do homem, porque ele foi criado por Ele e para Ele, e porque Deus não cessa de atraí-lo a si,²⁷ e nisto reside a razão principal da grandeza do ser humano. “Já na sua origem o homem é convidado para o diálogo com Deus. Pois o homem, se existe, é somente porque Deus o criou e isto por seu amor. Por amor é sempre conservado. E não vive plenamente segundo a verdade, a não ser que reconheça livremente aquele amor e se entregue ao seu Criador”.²⁸ Santo Agostinho bem expressou essa questão quando afirmou: “fizeste-nos para ti, e inquieto está nosso coração, enquanto não repousa em ti”.²⁹

1.2 O PECADO: FELIZ CULPA DE ADÃO

Desde a criação há no homem uma vocação para a comunhão com Deus. Deus, porém, não obriga, mas convida. Logo no início da sua história, o homem abusou de sua liberdade seduzido pelo Maligno. O mito bíblico relata que no jardim no qual habitavam os primeiros

²⁵ ZERWICK, Max. **A epístola aos Efésios**. Trad. Edmundo Binder. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 27. [Coleção Novo Testamento].

²⁶ FRANCISCO. **Laudato Si**: sobre o cuidado da casa comum. 3 ed. Brasília: CNBB, 2020, p. 46; LS 67.

²⁷ CIGC 27.

²⁸ GS 19.

²⁹ SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997, p. 19. [Coleção patrística].

pais estava plantada a árvore do conhecimento do bem e do mal, da qual o Criador os proibira de tomar e comer de seu fruto, sob pena de morte. Satanás, pedra de tropeço e pai da mentira, ludibriando a mulher, afirma que eles não morreriam, mas que seriam como deuses. Seduzida, ela come e dá de comer ao marido (Gn 2,17.3,1-6).

Conhecendo a Deus, o ser humano não lhe prestou a devida glória e, com o coração desviado, serviu à criatura e não ao Criador.³⁰ Se desde o princípio Deus o havia destinado à comunhão consigo, o Tentador apresenta um caminho de divinização através da ação humana. Desse modo o homem quis ser como Deus, porém excluindo-O e antepondo-se a Ele, inclusive, e não conforme seu desígnio.³¹ Aparecem então as diversas consequências de tal atitude: a perda da inocência, a fuga de Deus, a transferência da responsabilidade (Gn 3,7-13). Ao final das contas, um ato de desobediência, mascarado como algo bom para o ser humano, termina numa verdadeira rebelião contra Deus e contra a ordenação de toda a criação. A criatura humana jaz em desordem.

O pecado de Adão e Eva apresenta-se num duplo viés: interior e exterior, intrinsecamente relacionados. Interior porque, querendo ser como deuses, procuram substituir a Deus para decidir sobre o bem e o mal, tomando-se a si próprios como medida, senhores de seu destino. Por conseguinte, o fato exterior é a desobediência, um ato consciente e deliberado de oposição a Deus, por sugestão diabólica. O Tentador, figurado pela serpente, faz o primitivo casal duvidar da generosidade de Deus, que não conservara nada para si, nem a vida, colocando o homem em sua amizade, não apenas sob sua obediência. A partir da dúvida, a proposta divina é encarada como um estratagema do Criador para manter seus privilégios, não querendo que o ser humano fosse versado no bem e no mal. O homem se torna rival de Deus, ele que era imagem e semelhança,³² e se recusou a ser semelhante a Deus segundo Deus e o quis ser por si mesmo, acabando em afastamento.³³

Se ele [o ser humano] tivesse agido com perseverança em conformidade com essa incomparável dignidade concedida à sua natureza [ser imagem e semelhança], observando a lei dada a ele, sua alma, intata, teria conduzido à glória celeste até à parte dele que era seu corpo, tirado da terra. Mas, em sua irreflexão e para sua desgraça, ele acreditou no enganador invejoso e, aceitando os conselhos do orgulho, preferiu apoderar-se do aumento de honra que lhe estava reservado, em vez de merecê-lo; por isso, não só ele, mas também toda a posteridade que estava nele ouviram esta sentença: “Tu és terra, e para a terra voltarás”.³⁴

³⁰ GS 13.

³¹ CigC 398.

³² LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.), 2013, p. 751-752.

³³ SANTO AGOSTINHO. *A Trindade*. Trad. Augustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995, p. 320.

³⁴ SÃO LEÃO MAGNO, 1996, p. 52.

A partir desse preâmbulo muda tudo na relação entre Deus e o homem, como é ilustrado no relato bíblico quando, antes mesmo de um castigo pelo erro cometido, mulher e homem se ocultam da face divina (Gn 3,8). O que era antes uma relação de amizade, agora passa a ser uma relação de fuga: a presença divina incomoda o primitivo casal. Porém não só a relação com Deus é afetada, mas a própria harmonia das relações humanas. Quando Deus começa o interrogatório, Adão já não mais é solidário com Eva e joga a culpa sobre ela (Gn 3,9-13).³⁵ Depois, os castigos divinos, consequências do erro de ambos, frisam esta realidade desarmoniosa entre o casal e entre o homem e a criação (Gn 3,15-19). O termo disso é a expulsão do paraíso (Gn 3,23) para que, aqueles que quiseram tornar-se versados no bem e no mal por sua própria conta, não busquem, pelo mesmo caminho, a imortalidade (Gn 3,22).

A harmonia na qual estavam, estabelecida graças à justiça original, está destruída; o domínio das faculdades espirituais da alma sobre o corpo é rompido; a união entre o homem e a mulher é submetida a tensões; suas relações serão marcadas pela cupidez e pela dominação. A harmonia entre a criação está rompida: a criação visível tornou-se para o homem estranha e hostil. Por causa do homem, a criação está submetida à corrupção. Enfim, se realizará a consequência explicitamente anunciada para o caso da desobediência: o homem voltará ao pó do qual é formado. A morte entra na história da humanidade.³⁶

Esta atitude de erro e queda instigada pelo Tentador e levada a termo pelo casal primordial, que se mostra profundamente irracional, destruidora do desígnio de Deus e perversora da estrutura criada do homem, é o que se chama de pecado. Ele é “essencialmente perversão: desordem, desarticulação, deficiência, trevas. Agostinho dirá que ele não tem causa eficiente, mas causa *deficiente*: pecar é falhar; o pecado é uma falha e uma falência”.³⁷ Deus, que é todo bondade, sabia perfeitamente o que era o melhor para sua criatura e o chamava constantemente a vivê-lo, dando muitas oportunidades, significadas nas muitas outras árvores que poderiam ter seus frutos saboreados (Gn 2,17). Mas o homem rejeitou o projeto divino, por isso que se fala da irracionalidade do pecado, pois ele não tem sentido, ao contrário, des-humaniza. O pecado “não é uma coisa: é a falta de alguma coisa, como a escuridão é a falta de luz”.³⁸

O ser humano passa a estar em um *status naturae lapsae*, estado de natureza decaída, a partir da queda refletida acima, que passa para a tradição teológica ocidental com o nome de

³⁵ LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.), 2013, p. 752.

³⁶ CIGC 400.

³⁷ SESBOÛÉ, 2021, p. 184.

³⁸ TRESE, Leo. **A fé explicada**. Trad. Isabel Perez. 15 ed. São Paulo: Quadrante, 2021, p. 59.

pecado original, o pecado de Adão. Tal pecado não é a simples transgressão de uma lei. O núcleo do pecado original é a desobediência (Rm 5,19), que significa, por sua vez, a “negação da autotranscendência natural da vontade criada para a unidade com Deus, seu criador, do encontro com Ele como origem da vida e do amor [...], portanto, a perversão da capacidade positiva de escutar (da *potentia oboedientialis activa*) que visa à consumação pessoal”.³⁹ Por isso, mais que uma oposição a Deus, o pecador se encontra sempre numa situação de oposição a si mesmo também.

O pecado de Adão e Eva, no entanto, não diz respeito somente aos primeiros pais. São Paulo afirma: “como por meio de um só homem o pecado *entrou no mundo* e, pelo pecado, a morte, assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5,12).⁴⁰ Por isso a Igreja ensina que a imensa miséria que oprime os seres humanos e a sua inclinação para o mal, são incompreensíveis sem referência ao pecado adâmico, bem como ao fato dele ter sido transmitido a toda a humanidade como morte da alma,⁴¹ isto é, perda da santidade e justiça originais, da amizade com Deus. Porém, o que a Igreja ensina a partir da Revelação divina concorda com a experiência mesma do homem, como percebe o Vaticano II. O homem, ao olhar para si, percebe-se também inclinado ao mal, mergulhado em muitos males que não podem provir de um Deus bom. Individual e coletivamente, a vida do ser humano é uma constante luta entre bem e mal, luz e trevas, na qual, sozinho, o homem não consegue lutar.⁴²

Que a inclinação ao mal e a constante luta entre bem e mal se fazem presentes na vida da humanidade é compreensível, de igual modo a possibilidade de aceitar isso como fruto de um pecado original. Como compreender que a humanidade é solidária nisso? A Igreja ensina que o pecado original é um pecado de maneira analógica, isto é, é um pecado contraído, não cometido por escolha própria; é um estado, condição, e não um ato.⁴³ Neste sentido, atualmente se pode distinguir entre *pecado original* originante, ou seja, que dá origem ou das origens – o de Adão, e *pecado original originado*, aquele estado ao qual estão sujeitos todos os seres humanos.⁴⁴ Isso por causa da unidade do gênero humano, na grande teia de relações que constitui a humanidade desde sua origem, como um grande corpo. Pois

³⁹ MÜLLER, 2015, p. 107.

⁴⁰ Com a reflexão que segue não se propõe, de modo algum, que a Toda-Santa Imaculada Virgem Maria esteja contada entre os que herdam o pecado de Adão, muito menos a humanidade santíssima de Nosso Senhor. [nota do pesquisador].

⁴¹ CIGC 403.

⁴² GS 13.

⁴³ CIGC 404.

⁴⁴ SESBOÛÉ, 2021, p. 191.

[...] a essência do pecado original consiste justamente em que os seres humanos que se encontram nesse estado não causaram, eles mesmos, essa contradição objetiva com sua constituição na fé, mas têm de aceitar como um *estado de carência* da graça que lhes foi prometida em Adão, uma carência provocada pela própria vontade de Adão. [...] portanto, o pecado original não tem nada a ver como uma espécie de culpa coletiva.⁴⁵

Dito isso, é preciso compreender o posicionamento da teologia católica na sua interpretação sobre a natureza humana após o pecado das origens. Pois é certo que Deus criou homem e mulher e, junto com toda a criação, viu que tudo era muito bom (Gn 1,31). Certo é, igualmente, que após a desobediência dos primeiros pais, a natureza humana constituída em santidade e justiça originais foi deteriorada, conforme o refletido sobre as consequências da desobediência. É fundamental compreender esses pontos, pois eles são como uma luz que é jogada sobre as trevas do pecado, até então discutidas. São Cesário de Arles, na conclusão do II Sínodo de Orange (529 d.C.), sintetiza a fé católica dizendo que “por causa do pecado do primeiro homem, o livre-arbítrio foi a tal ponto desviado e enfraquecido que ninguém depois poderia amar a Deus como convinha, nem crer em Deus ou por Deus operar o que é bom, se não o prevenisse a graça da misericórdia divina”.⁴⁶ Isto significa que a natureza humana está ferida, mas não totalmente corrompida, fazendo com que no íntimo do coração humano ainda persista um desejo do bem, pois Deus não abandona a sua criatura, Ele a fez para a comunhão.

A esperança na restauração do ser humano já é dada pelo Criador no mesmo relato do castigo dos primeiros pais. De modo misterioso, Deus anuncia a vitória sobre o mal e o reerguimento da queda, na perícopes que ficou conhecida como o Protoevangelho: “Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3,15).⁴⁷ Em outros termos, Deus está dizendo à serpente que ela até conseguira arrastar a primeira mulher e o primeiro homem à ruína, mas que por caminho semelhante Ele faria brotar a salvação, esmagando o mal. Como ensina Santo Tomás: “[...] nada impede que a natureza humana, depois do pecado não seja susceptível de maior elevação. Porque Deus permite se faça o mal para dele tirar um bem melhor.”⁴⁸ Por isso canta a Igreja na Proclamação da Páscoa da Ressurreição: “Ó pecado de Adão indispensável, pois Cristo o dissolve em seu amor; ó culpa tão feliz, que há merecido a graça de um tão grande Redentor!”⁴⁹

⁴⁵ MÜLLER, 2015, p. 110.

⁴⁶ DENZINGER; HÜNERMANN, 2015, p. 145-146; DH 396.

⁴⁷ CIGC 410.

⁴⁸ SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica, III**. Trad. Alexandre Correia. 4 ed. Campinas: Ecclesiae, 2017, p. 32.

⁴⁹ Missal dominical. Missal da assembleia cristã. São Paulo: Paulus, 1995, p. 325.

1.3 DEUS NÃO ABANDONOU A SUA CRIAÇÃO

As Escrituras, ainda que apresentem constantemente o pecado e sua força, possuem uma grande novidade no anúncio de que a realidade do pecado não é definitiva. Na verdade, o mistério da piedade é maior que o mistério da iniquidade.⁵⁰ Como foi visto, desde o próprio relato da condenação dos primeiros pais já se antevê a esperança de uma salvação. Assim, conforme relatam as Divinas Escrituras, em toda a história são vistas ações de Deus que chama os homens à comunhão. Porque, apesar do pecado de Adão, tem vigência a vontade divina, superior e permanente, que chama a criatura humana a compartilhar o conhecimento e o amor de Deus como plenitude de sua autotranscendência.⁵¹

Deus, então, desenvolve para com a humanidade um processo de pedagogia⁵², ou seja, um caminho através do qual Ele vai se dando a conhecer. É certo que a criação toda é um testemunho perene do Criador e que Deus nunca deixou de se revelar, porém é preciso recordar que aquele reconhecimento mútuo está ferido desde a Queda. A teologia vai falar assim de uma *Economia*⁵³ da Salvação, que é justamente esse desígnio de Deus, suas ações em favor da humanidade, visando a sua Revelação como Aquele que a formou e que a chama incessantemente para voltar à comunhão com Ele. Entra em cena um conceito que é fundamental para compreender a relação entre Deus e a humanidade na perspectiva da Revelação judaico-cristã. Tal conceito é a berit – a *Aliança*, que é a relação de solidariedade entre duas partes, com os deveres e direitos implicados nela e que resulta no *shalom* – paz, bem-estar, integridade, plenitude da pessoa e de tudo o que lhe pertence.⁵⁴

Para Israel não existe salvação que passe ao largo da criação; ao contrário: o próprio êxito da criação e da vida constitui salvação. Desta pretensão Israel jamais se distanciou. A desgraça consiste na falta das imprescindíveis condições de vida coletivas e individuais (saúde, subsistência econômica, terra, descendência, paz, liberdade, acesso intacto a Deus); a salvação, por sua vez, consiste na plenitude desses bens vitais terrenos.⁵⁵

⁵⁰ COLOM, Enrique; LUÑO, Ángel Rodríguez. **Escolhidos em Cristo para ser santos**: curso de teologia moral. 3 ed. São Paulo: Quadrante, 2022, p. 441.

⁵¹ MÜLLER, 2015, p. 121.

⁵² Pedagogia, do grego *paidos* (filho, criança) + *agein* (conduzir): o *paidagogus* era um escravo cujo trabalho era conduzir as crianças às escolas pelo caminho. VESCHI, Benjamin. **Etimologia de pedagogia**. 2019. Disponível em: <https://etimologia.com.br/pedagogia/>. Acesso em 20/02/2024.

⁵³ Economia, do grego *oikos* (casa, morada) + *némein* (ação de gerenciar, distribuir). VESCHI, Benjamin. **Etimologia de Economia**. 2019. Disponível em: <https://etimologia.com.br/economia/>. Acesso em: 20/02/2024. Os Padres da Igreja utilizavam o termo no sentido das ações de Deus em preparação para a salvação. [nota do pesquisador].

⁵⁴ VAN DEN BORN, A. **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. 3 ed. Trad. Frederico Stein. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 38.

⁵⁵ KESSLER, Hans. *In*: SCHNEIDER (Org.), 2012, p. 223.

No entanto, uma aliança também pode ser feita apenas do comprometimento de uma das partes como será visto nas primeiras alianças. A primeira vez que se fala de uma aliança é um comprometimento de Deus para com toda a humanidade, depois do Dilúvio e de fazer sobreviver Noé, sua família e um casal de cada animal através da arca, com a promessa de nunca mais destruir a humanidade pelas águas (Gn 9,8-17). Em seguida aparece a figura de Abraão, pai na fé, a quem Deus chama a sair da sua terra, da casa e da família de seu pai para o país de Canaã, como desprendimento dos deuses paternos e a quem promete grandes bênçãos (Gn 12,1-3). É com Abraão, a partir de sua fé e confiança, que Deus vai selar a segunda aliança, perpétua. O Senhor pede que ele ande em sua presença e seja perfeito, e a ele promete numerosa descendência que habitará para sempre a Terra Prometida, e cujo sinal físico é a circuncisão (Gn 17,1-13).

A descendência de Abraão se multiplicará, e será conhecida pelo nome de um dos patriarcas: Israel. Por questões socioeconômicas e de subsistência, saem da Terra Prometida para o Egito, onde acabam se tornando escravos dos Faraós. Nesse contexto, Deus suscitará um grande líder e operará a libertação do povo. Os israelitas, em meio ao sofrimento, haviam feito subir seu clamor até o Deus de seus pais; Ele os escutou e se lembrou da Aliança feita com Abraão, Isaac e Jacó e se fez conhecer (Ex 2, 23-25). O líder convocado pelo Senhor é Moisés, a quem o Senhor dá o encargo de fazer o seu povo sair do Egito e voltar à terra de seus pais, e a quem se revela com o nome YHWH, o Eu Sou, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó (Ex 3,13-15). Moisés organiza o povo e parte, celebrando a Páscoa – passagem do Senhor que liberta – e atravessando o Mar dos Juncos a pé enxuto.

Tendo atravessado, inicia-se a caminhada no deserto entre murmurações do povo e prodígios divinos (Ex 15–18). Quando chegam à Montanha do Sinai e tendo o povo se reunido, Deus faz saber que quer firmar uma Aliança com o seu povo através de Moisés, mediador desta aliança. Do alto do monte o Senhor doa a Moisés a Lei, os dez grandes mandamentos que norteiam a relação de YHWH com seu povo (Ex 19). A Lei consiste, em primeiro lugar, no amor exclusivo de Israel para com o Senhor como seu único Deus, assim como Deus tem um amor exclusivo pelo povo que agora é Sua propriedade, é Seu. YHWH deve ser o único Deus que deve ser adorado por Israel. Em seguida, a Lei norteia a relação entre os irmãos do mesmo povo. Israel é eleito povo de Deus, embora toda a terra seja d'Ele, e a aliança é assim concluída com diversos ritos significativos: refeição, sacrifício e aspersão de sangue.⁵⁶

⁵⁶ LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.), 2013, p. 31-32.

Assim, por meio do Decálogo, Deus preparava o homem para a sua amizade e para a concórdia com o próximo. Era o homem que tirava proveito de tudo isso, uma vez que Deus não tinha nenhuma necessidade do homem. Efetivamente, tudo isso contribuía para a glória do homem, dando o que lhe faltava, isto é, a amizade de Deus.⁵⁷

A fidelidade divina à aliança selada o povo sempre teve. No entanto, nem sempre Israel conseguiu se manter fiel. Diversas vezes o povo transgrediu a Lei e a Aliança, quer se aliando a outros povos ou adorando outros deuses. Por isso, Deus suscitou líderes carismáticos com o intuito de recordar o povo do compromisso e das consequências das transgressões. Esses foram os juízes e os profetas. Quando Israel vai se institucionalizando, aparece a figura do rei, tendo por referência Davi, a quem Deus promete a perenidade do trono com um seu descendente (2Sm 7,12-16). Mesmo assim, a história segue e o pecado de Israel continua: o reino e as tribos se dividem em duas partes – Israel e Judá, as alianças estrangeiras continuam, bem como a adoração de outros deuses. Israel cai sob os assírios (2Rs 17, 5-6), Judá e Jerusalém, cidade de Davi, caem sob a Babilônia (2Rs 25).

Voltando as origens se pode entender o comportamento de Israel. A fidelidade estrita à Aliança é difícil, porque a condição humana após o pecado original é debilitada. Com o passar dos anos os próprios profetas vão se dando conta de que sozinho o povo é frágil demais. Por isso, depois do Exílio babilônico e da reconstrução de Jerusalém, a pedagogia divina para com o povo chega a um novo estágio. Depois de tantas experiências frustrantes, Deus promete a sua fidelidade de um modo novo.

No limiar da queda de Israel o profeta Oseias já anunciava: “Eu curarei a sua apostasia, eu os amarei com generosidade” (Os 14,5), e a Judá diz Ezequiel: “Dar-vos-ei coração novo, porei no vosso íntimo espírito novo [...]: sereis meu povo e eu serei o vosso Deus” (Ez 36, 26.28b). Por Jeremias o Senhor promete um germe justo da casa de Davi, um Rei-Messias, que exercerá a justiça (Jr 23,5-6). Uma nova aliança é anunciada, esta sendo definitiva, eterna, em Isaías: “Farei convosco uma aliança eterna, assegurando-vos as graças prometidas a Davi” (Is 55,3b) e em Jeremias: “Eis que dias virão – oráculo de Yahweh – em que concluirei com a casa de Israel (e com a casa de Judá) uma aliança nova. [...] Porei minha lei no fundo do seu ser e escreverei em seu coração. Então serei seu Deus e eles serão meu povo” (Jr 31,31.33). Por fim, o profeta Joel fala de um derramamento do Espírito sobre toda carne, uma efusão universal (Jl 3,1), que anuncia uma aliança de salvação para toda a humanidade, como expressa Isaías: “Eu

⁵⁷ SANTO IRINEU DE LYON. *In*: LITURGIA DAS HORAS. V. 2. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999, p. 172.

virei, a fim de reunir todos os povos e línguas; elas virão e verão minha glória. [...] toda carne virá se prostrar na minha presença, diz Yahweh” (Is 66, 18.23b).

Desde o princípio Deus criou o homem para lhe comunicar seus dons; escolheu os patriarcas para lhes dar a salvação; ia formando um povo, para ensinar os ignorantes a seguir a Deus; preparava os profetas, para acostumar os homens a serem morada do Espírito e a viverem em comunhão com Deus. [...] Assim, de muitas maneiras, Deus ia preparando o gênero humano em vista da salvação futura.⁵⁸

A partir do seu amor por Israel, Deus vai ensinando que a finalidade da Revelação e da Aliança com Israel tem, na verdade, uma destinação universal, a fim de que toda a humanidade e toda a criação sejam restituídas na comunhão de santidade com o Senhor. Para que isso acontecesse, era preciso resolver um dilema. No eixo desta reflexão está presente que o ser humano foi criado para a comunhão e em comunhão, que a perdeu pelo pecado e recebeu a promessa da salvação para restituí-la. Conforme apresenta Trese “O dilema era que, como somente Deus é infinito, somente Ele era capaz de um ato de reparação de valor infinito pela infinita malícia do pecado. Mas quem fosse pagar pelo pecado do homem deveria ser humano”.⁵⁹ Por isso como mediador e plenitude da Revelação e como consumidor da nova e eterna aliança estará o próprio Filho de Deus encarnado.

Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos Profetas, Deus “ultimamente falou-nos pelo Filho” (Hb 1,1-2). Com efeito, ele enviou Seu Filho, o Verbo eterno que ilumina todos os homens, para que habitasse entre os homens e lhes expusesse os segredos de Deus (cf. Jo 1,1-18). Jesus Cristo, portanto, Verbo feito carne, enviado como “homem aos homens”, “profere as palavras de Deus” (Jo 3,34) e consuma a obra salvífica que o Pai lhe confiou (cf. Jo 5,36; 17,4). Eis por que [sic] Ele, ao qual quem vê vê também o Pai (cf. Jo 14,9), pela plena presença e manifestação de Si mesmo por palavras e obras, sinais e milagres, e especialmente por Sua morte e gloriosa ressurreição dentre os mortos, enviado finalmente o Espírito de verdade, aperfeiçoa e completa a revelação e a confirma com o testemunho divino que Deus está conosco para libertar-nos das trevas do pecado e da morte e para ressuscitar-nos para a vida eterna.⁶⁰

⁵⁸ SANTO IRINEU DE LYON. *In: LITURGIA DAS HORAS*. V. 2. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999, p. 156.

⁵⁹ TRESE, 2021, p. 61.

⁶⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática (*Dei Verbum*). *In: VIER, Frederico (Org.). Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 123; DV 4.

Desse modo se pode proclamar a esperança da salvação para o homem decaído. De fato, o Tentador e o pecado não possuem a última palavra sobre a realidade do homem. Em Jesus Cristo acontecerá a reconciliação de criatura e Criador. Nele, as portas do Paraíso anteriormente fechadas serão abertas. Era dele, Verbo do Pai, que toda a Revelação falava; sobre o mistério de sua vinda que o Pai desenvolveu sua economia, sua pedagogia, preparando os povos para acolhê-lo. Essa acolhida se dá, precisamente, quando os homens respondem com liberdade um vigoroso 'sim', ao invés daquele 'não' do pecado, permitindo-se trilhar o caminho da santificação, o projeto amoroso de Deus.

2 A OBRA DA GRAÇA NO HOMEM A PARTIR DO BATISMO

Para responder positivamente ao chamado de Deus com seu livre-arbítrio, o ser humano não pode contar somente com suas próprias forças ou boa vontade. Precisamente porque sua natureza está fragilizada após o pecado original, será a ajuda do próprio Deus a tornar essa resposta positiva possível. O mistério de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, ilumina toda a história humana. Pois, assim “como pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos” (Rm 5,19).

2.1 JESUS CRISTO: RESTAURADOR DA HUMANIDADE

“Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei” (Gl 4,4). Essa plenitude não se refere tanto a uma maturidade da humanidade em relação à revelação divina, mas sim a um tempo fixado por Deus, uma medida finalmente cheia, após a longa pedagogia por Ele empregada.⁶¹ São os tempos messiânicos e escatológicos, nos quais as promessas e profecias são cumpridas. É sobretudo a união entre Deus e a humanidade que se consumará de modo pleno. Toda essa dinâmica se cumpre em Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem para a salvação do homem, conforme ensina São Gregório de Nissa:

Doente, nossa natureza precisava ser curada; decaída, ser reerguida; morta, ser ressuscitada. Havíamos perdido a posse do bem, era preciso restituí-lo a nós. Enclausurados nas trevas, era preciso trazer-nos à luz; cativos, esperávamos um salvador; prisioneiros, um socorro; escravos, um libertador. Essas razões eram sem importância? Não eram tais que comoveriam a Deus, a ponto de fazê-lo descer até à nossa natureza humana para visitá-la, uma vez que a humanidade encontrava-se em um estado tão miserável, tão infeliz?⁶²

Olhando, portanto, para Jesus Cristo como plenitude da história da salvação e, simultaneamente, como centro desta e de toda a história, pode-se reler a revelação bíblica veterotestamentária em relação à Ele. Pois em última instância a revelação, na Tradição e na Escritura, é a transmissão através das palavras humanas daquela única Palavra pronunciada por Deus: o Verbo Eterno.⁶³ Esta releitura cristológica será comum entre os autores sagrados do

⁶¹ LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.), 2013, p. 798.

⁶² SÃO GREGÓRIO DE NISSA. *In*: CIgC 457.

⁶³ CIgC 101-102.

Novo Testamento, corroborando a esperança de Israel e anunciando o seu cumprimento. Os evangelhos da infância – Mateus e Lucas – trabalham singularmente desse modo, ainda que em todo o Novo Testamento seja possível presenciá-lo.

São Mateus inicia seu Evangelho com a genealogia humana de Jesus, colocando-o como descendente direto dos Patriarcas e de Davi (Mt 1, 1-17) em seus pais José e Maria. Em seguida, ao explicar a origem de Nosso Senhor, faz questão de afirmar o cumprimento da profecia de Isaías, na qual se diz que a virgem⁶⁴ conceberá e dará à luz um filho a quem chamarão Emanuel, Deus conosco (Is 7,14; Mt 1,23). Também nesse contexto o evangelista relata que José dará o nome ao menino, o qual se chamará Jesus (do hebraico *Yehoshú‘a*, YHWH salva), pois ele salvará o povo dos seus pecados (Mt 1,21), indicando a missão salvífica. São Lucas escreve uma tectura que exprime o Israel de Deus vivendo na fidelidade à Aliança, na expectativa messiânica e que presencia sua chegada. Aparecem figuras como as de Zacarias e Isabel, dos quais nasce João Batista – aquele que pelo Espírito Santo caminhará com o espírito e o poder de Elias⁶⁵ (Lc 1, 5-25) e que será a voz que clama no deserto dizendo para preparar dos caminhos do Senhor (Lc 3,4). Também Simeão e Ana, espectadores da consolação e libertação de Israel, que louvam por ver se cumprir sua esperança (Lc 2,29-32).

A figura mais importante, no entanto, é a verdadeira Filha de Sião, síntese de toda fé e esperança de Israel, a Virgem Maria, prometida em casamento a José, da casa de Davi. O profeta Sofonias havia proclamado: “Rejubila, filha de Sião, solta gritos de alegria, Israel! Alegra-te e exulta de todo o coração, filha de Jerusalém! [...] Iahweh, o teu Deus, está no meio de ti, um herói que salva!” (Sf 3,14.17b). Em Nazaré, o anjo é enviado a Maria saudando-a: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” (Lc 1,28), no cumprimento da promessa pelo esperado de Israel e das nações. É Maria o verdadeiro Israel, Povo de Deus, no qual antiga e nova Aliança são uma realidade só, cumprida pela fidelidade ao Senhor expressa no *fiat*. Seu Filho é o rei davídico, o herdeiro da promessa e do trono para sempre, e ela é a cooperadora perfeita da redenção, germe da Nova Criação e Arca da nova e eterna Aliança de comunhão. Diante disso, ensina Ratzinger

[...] temos ainda de examinar, [...], a afirmação com a qual o mistério da nova concepção e nascimento é cuidadosamente descrito: o Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. No assim chamado “paralelismus membrorum” são aqui sobrepostas duas imagens, provenientes

⁶⁴ O termo original hebraico é *‘almah*, que significa uma donzela ou jovem casada recentemente. A tradução grega da Septuaginta traduziu por *parthenós*, a virgem, provavelmente testemunhando uma antiga interpretação judaica para o texto isaiano. Mateus tem à sua disposição o texto grego. [nota do pesquisador].

⁶⁵ A tradição judaica, de acordo com Ml 3,23, pensava que Elias retornaria precedendo e preparando o Dia de YHWH. [nota do pesquisador].

de diferentes linhas de tradição, para ilustrar o misterioso/inefável. A primeira imagem faz uma alusão ao relato da Criação (Gn 1,2) e caracteriza, assim, o evento como sendo a Nova Criação: o Deus que chama o ser a partir do nada, e cujo Espírito pairava sobre os abismos [...] esse Deus inaugura aqui uma nova criação na antiga, e a partir dela. [...] A segunda imagem – “a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra” – faz parte da teologia israelita do culto; ela se refere à nuvem que sombreia o Templo, anunciando assim a presença de Deus. Maria surge como a tenda sagrada sobre a qual a presença oculta de Deus se torna efetiva.⁶⁶

A salvação esperada pelo Povo de Deus encontra a concretude da história na encarnação do Filho de Deus, como Mateus e Lucas já propuseram em seus textos, e que São João em seu Evangelho vai dizer com todas as letras: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), o qual é Deus vivente no meio de nós. Todo mistério da história e da Aliança recebe sua luz no fato da encarnação, toda história da proposta divina de comunhão, de restauração da amizade, da santidade, encontra aqui o sentido. Obviamente, o fato de Deus assumir a natureza humana é algo sem medida de comparação com a união de cada ser humano com Deus, mas é o ponto de convergência e de possibilidade para essa realidade. A encarnação é a plena manifestação do Verbo, a plena revelação de Deus aos homens e a plenitude da educação dos povos e de cada ser humano na dinâmica da pedagogia divina.⁶⁷

A encarnação do Verbo de Deus é já apresentada, de modo mais tímido, em Paulo, quando este fala que Deus enviou o Filho numa carne semelhante à do pecado (Rm 8,3). Desse modo, temos a dupla ótica que formam a unidade da fé: Paulo e João apresentam a encarnação na perspectiva da humanidade assumida pela divindade na pessoa do Filho. Mateus e Lucas focam na humanidade de Jesus, porém não de modo ingênuo, mas considerando que o homem Jesus, nascido de Maria, da casa de Davi, por sua origem no Espírito Santo, pode ser, e é, a figura humana do Reino e da presença de Deus. Mais tarde, no batismo de Jesus, é que os sinóticos afirmarão com veemência a filiação divina, completando a informação. De qualquer modo, entende-se com isso que só é possível superar a distância infinita entre Deus e o homem quando o próprio Deus assume, em seu Filho, Palavra eterna, a existência humana.⁶⁸

O mistério da encarnação é tremendamente fascinante, pois revela o Deus vivente no meio da humanidade como Aquele que de fato não é fruto do pensamento dos homens, da sua lógica ou capacidade. Pelo contrário, é Ele que se mostra à humanidade e institui uma relação com ela, como quem não pode ser definido, mas que se definiu e agora é Senhor diante, acima

⁶⁶ RATZINGER, Joseph. **A filha de Sião**: a devoção mariana na Igreja. Trad. Ney Vasconcelos. São Paulo: Paulus, 2013, p. 17. [pdf].

⁶⁷ COSTA, França. **Jesus Cristo o único salvador**: cristologia-soteriologia. 2 ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2020, p. 250.

⁶⁸ MÜLLER, 2015, p. 229-230.

e no meio dos homens. Por isso, com a Igreja, é importante confessar Jesus Cristo concebido pelo Espírito Santo e nascido da Virgem Maria como homem. A esta frase cabe ajoelhar-se, porque neste ponto o céu, o véu de encobrimento de Deus, é rasgado e o mistério nos toca imediatamente. O Deus dos Pais, soberano, onipotente, torna-se Emanuel, Deus conosco.⁶⁹

Esta relação que o Senhor estabelece conosco pela encarnação está em vistas da realização plena da sua Aliança eterna com a humanidade. Portanto, o que está em jogo é o mistério da salvação dos seres humanos naquele projeto primordial de viver a comunhão, assim como Deus a vive em si, passando agora pela restauração de todas as coisas em Cristo. A encarnação se apresenta como possibilidade real ao ser humano de participar na comunhão de amor que é o Deus Uno e Trino. Esse Deus que se comunicou e se revelou ao longo do tempo, no Verbo Encarnado amou cada ser humano em Cristo e habitou entre os homens para que estes pudessem participar da vida divina.⁷⁰ Jesus Cristo é, deste modo, o ponto de convergência, de união, entre o céu e a terra, entre Deus e a humanidade, eternidade e temporalidade.

Apontar a centralidade do projeto de comunhão, o qual Deus tem desde as origens para o ser humano, faz com que se evite dizer que a encarnação só se deu por conta do pecado. Ensina Santo Tomás que, sim, a Escritura sempre dá como razão da encarnação o pecado original, a primeira sendo remédio para o segundo, mas nem por isso se limita o poder – e a liberdade – de Deus, pois poderia Ele se encarnar mesmo que o pecado não tivesse existido.⁷¹ É importante, assim, entender de que modo se diz da necessidade da encarnação. Santo Tomás explica que uma coisa pode ser dita necessária de dois modos: ou para a conservação da vida, ou do melhor meio e mais conveniente para se chegar a um fim. Do primeiro modo a encarnação não é necessária, pois em sua onipotente virtude, Deus poderia reparar a natureza humana de outro modo. Do segundo modo, sim, a encarnação é necessária, pois foi o modo mais eminente pelo qual Deus quis reparar sua criatura.⁷²

Por conseguinte, esse grande mistério revela a grandiosidade e a perfeição da obra da redenção, porque resolve o dilema imposto pelo pecado, como já se disse no capítulo anterior. Não o pecado, mas o homem é o motivo da encarnação: Deus o amou tanto, em seu Verbo, até nascer e se manifestar com um corpo.⁷³ De fato, o Verbo faz-se verdadeiramente homem, assumindo todas as limitações da criatura humana, menos o pecado. Se mostra vulnerável, pois

⁶⁹ RATZINGER, Joseph. *Ser cristão na era neopagã*. Vol. 1. Campinas: Ecclesiae, 2014, p. 157-158.

⁷⁰ COSTA, 2020, p. 251.

⁷¹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, V. 4, 2016, p. 31.

⁷² SANTO TOMÁS DE AQUINO, V. 4, 2016, p. 29.

⁷³ SANTO ATANÁSIO. *Contra os pagãos; A encarnação do Verbo; Apologia ao Imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de Santo Antão*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2015, p. 128. [Coleção Patrística].

um Cristo superpoderoso seria admirável, mas não imitável.⁷⁴ Não assume o pecado porque ele não pertence à natureza humana. Simultaneamente Ele é o Filho Unigênito e eterno do Pai, gerado da sua substância e, portanto, a ele consubstancial e verdadeiro Deus, conforme professou o I Concílio Ecumênico em Niceia no ano de 325,⁷⁵ pois Ele e o Pai são Um (Jo 10,30). Deste modo, sendo Deus pode salvar, e sendo homem pode salvar o homem.

Ora, se o Deus onipotente não se tivesse designado fazer isso, nenhuma espécie de justiça e nenhuma fonte de sabedoria teriam podido arrancar o homem do cativeiro do diabo e do abismo da morte eterna. Porque a condenação permaneceria, passando de um para todos com o pecado, e a natureza, corrompida por causa da ferida mortal, não teria encontrado o remédio, incapaz que era de mudar sua condição por suas próprias forças. [...] De modo que, sendo verdadeiro Deus, ele também é verdadeiro homem, sem que haja mentira nas duas naturezas. “O Verbo se fez carne”, elevando a carne, não diminuindo a divindade; esta aliou tão bem o poder à bondade que elevou nossa natureza, tomando-a, e nada perdeu da sua, comunicando-a.⁷⁶

O Verbo Encarnado e filho da Virgem Maria, Jesus Cristo, viveu em tudo a condição humana desde os primeiros anos, submisso aos seus pais em Nazaré da Galileia (Lc 2,51), onde “Trabalhou com coração humano, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano”.⁷⁷ Quando adulto, João Batista o batizou nas águas do rio Jordão (Mc 1,9-11; Mt 13-17; Lc 3,21-22), e assim foi aberto o seu ministério público, sua missão de Servo sofredor, de Cordeiro que tira o pecado do mundo (Jo 1,29), deixando ser contado entre os pecadores. Nesse momento o céu, outrora fechado – o Paraíso – se abre e as águas são santificadas, e se faz ouvir a voz do Pai que unge o Filho amado com o Espírito Santo.⁷⁸ Por isso Jesus é chamado o Cristo ou o Messias, ambos os termos – de origem grega e hebraica, respectivamente – significam ‘o Ungido’. Assim, Deus Uno e Trino escancara à humanidade a plenitude do tempo, a hora favorável da salvação.

Em seguida, Jesus é impelido pelo Espírito ao deserto (Mc 1,12-13; Mt 4,1-11; Lc 4,1-13) onde é tentado por Satanás. As tentações recapitulam aquelas de Adão no Paraíso e do Povo de Israel no deserto, e seu objetivo é questionar a atitude filial de Jesus para com o Pai. Porém o Senhor, em sua obediência e sua íntima ligação com o Pai, cumpre com perfeição a vocação do homem e de Israel. Enquanto Adão e Israel cederam às tentações, o Messias permanece fiel

⁷⁴ COSTA, 2020, p. 251.

⁷⁵ DH 125. É conhecida como doutrina da União Hipostática: Jesus Cristo é uma pessoa divina em duas naturezas, humana e divina, sem confusão. [nota do pesquisador].

⁷⁶ SÃO LEÃO MAGNO. **Sermões**. Trad. Sérgio José Schirato. São Paulo: Paulus, 1996, p. 53. [Coleção Patristica].

⁷⁷ GS 22.

⁷⁸ CIGC 535-536.

à vontade do Pai.⁷⁹ Percebe-se aqui o desdobramento da doutrina da União Hipostática: tendo abraçado verdadeiramente a condição humana sofre a tentação, contudo, como Filho de Deus, tem força sobre o mal. A vitória de Jesus no deserto antecipa a vitória final sobre o Maligno no tempo oportuno (Lc 4,13).

Na sua vida pública, o Senhor Jesus passou fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo diabo, desde a Galileia até Jerusalém (At 10,37-38), em ações salvíficas para com pessoas concretas. Jesus operou muitas curas, exorcismos e milagres, que atestaram que Ele era o esperado, conforme a pergunta de João Batista (Lc 7,19), a qual o Senhor respondeu: “os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho” (Lc 7,22). É a confirmação do messianismo de Jesus; os sinais são um testemunho do advento do Reino de Deus já prenunciado por João, que em Jesus assume a concretude, pois Ele é o Reino, ao qual todos são chamados pela conversão. Para anunciar esta Boa Nova a todos, o Senhor também escolheu e instituiu um colégio de Doze homens (Mc 3,13-19; Mt 10,2-4; Lc 6,12-16), à semelhança das Doze Tribos de Israel, a fim de que estivessem com ele e depois partissem para anunciar como ministros seus.

A chegada do Reino, porém, implica também no cumprimento da missão de Servo de YHWH que Jesus carrega consigo. A sua transfiguração no monte revela esta verdade: o fim é a glória, mas antes vem a Paixão. Neste momento abre-se o êxodo de Jesus (Lc 9,31), o caminho para a libertação do gênero humano, que ele consumará em Jerusalém, cidade de Davi e Sua, porque não convinha a um profeta morrer fora dali (Lc 13,33).⁸⁰

Desde o início do ministério público de Jesus, fariseus e adeptos de Herodes, com sacerdotes e escribas, combinaram de matá-lo. Por causa de certos atos por ele praticados [...], Jesus pareceu a alguns mal-intencionados, suspeito de possessão demoníaca. Ele é acusado de blasfêmia e de falso profetismo, crimes religiosos que a Lei punia com a pena de morte sob a forma de apedrejamento.⁸¹

Entrando messianicamente em Jerusalém, Jesus vai realizar seu êxodo e sua Páscoa. A Páscoa era uma festa de instituição perpétua na qual os judeus celebravam a libertação da escravidão do Egito, com os pães ázimos e a imolação do cordeiro pascal e aspersão de seu sangue. O Senhor Jesus é acolhido pelo povo como rei davídico em Jerusalém (Mt 20,21; Mc 11,1-11; Lc 19,28-38; Jo 12,12-19), porém o seu embate com os chefes do povo tornou a

⁷⁹ CIgC 538-539.

⁸⁰ CIgC 555-558.

⁸¹ CIgC 574.

situação insustentável. O evangelista João sintetiza a postura deles como incredulidade e endurecimento do coração, pois viram os muitos sinais que Jesus fizera, mas não quiseram crer (Jo 11,37-40). Os planos há muito tempo concebidos com a intenção de matar Jesus ganham força quando Ele entra na cidade santa, pois ali incomoda os poderosos mais que em qualquer outro lugar.

Diante desses elementos, Jesus vai levar a Páscoa à sua plenitude de sentido, pois a verdadeira libertação será por ele conquistada, ou seja, a do pecado, o verdadeiro escravizador do gênero humano. O seu drama como Servo Sofredor começa com a conspiração e traição de Judas (Mt 26,14-16; Mc 14,10-11; Lc 22,1-6), um dos apóstolos: assim como José, filho de Jacó, fora vendido como escravo por seus irmãos e depois se tornou causa de salvação para eles, também com Jesus isso acontece. Tendo amado os seus até o fim (Jo 13,1), na ceia que ardentemente desejou tomar com seus apóstolos (Lc 22,15), Ele toma o pão e o vinho e os deixa como memorial de sua oferta voluntária ao Pai pela salvação da humanidade e para selar a nova aliança (Jr 31,31-34; Lc 22,20). Lavando os pés dos seus, Jesus lhes dá um mandamento novo, na verdade, um modo amplo de cumprir os mandamentos da Lei, uma medida alargada que é Ele mesmo, pois os manda amar como Ele os amou (Jo 14,34). Saindo da ceia, o Senhor se dirige ao Getsêmani, lugar em que entra em agonia profunda (Mt 26,36-46; Mc 14,32-42; Lc 22,39-46), onde restaura a liberdade humana, colocando-a sob a vontade do Pai pela obediência.

O drama do monte das Oliveiras consiste no fato de a vontade natural do homem ser reconduzida por Jesus da oposição à sinergia, e assim restabelece o homem na sua grandeza. Na vontade humana natural de Jesus está, por assim dizer, presente n'Ele mesmo toda a resistência da natureza humana contra Deus. A obstinação de todos nós, toda a oposição contra Deus está presente, e Jesus, lutando, arrasta a natureza recalcitrante para o alto na direção da sua verdadeira essência.⁸²

No Getsêmani o Senhor é publicamente traído por Judas e preso (Mt 26,48-49; Mc 14,45; Lc 22,47-48). Seguiu-se o processo diante das autoridades religiosas de Jerusalém, por quem é condenado como blasfemo (Mt 26,65-66; Mc 14,64; Lc 22,70-71). De igual modo diante das autoridades civis, sobretudo Pôncio Pilatos, governador romano na Cidade Santa, por quem, após a pressão dos líderes judaicos, Jesus é condenado à crucifixão (Mt 27,26; Mc 15,15; Lc 23,24; Jo 19,16). Nesse processo, Pedro também nega Jesus (Mt 26,69-75; Mc 14,66-72; Lc 22,54-62; Jo 18,17-18.25-27) e os discípulos se dispersam. Depois de ser açoitado,

⁸² RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré**: da entrada em Jerusalém até a ressurreição. Trad. Bruno Bastos Lins. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2016, p. 150.

coroado de espinhos e zombado, Jesus carrega a pesada Cruz ao monte Calvário, na qual é pregado e morre (Mt 27,50; Mc 15,37; Lc 23,46; Jo 19,30), após carregar consigo o clamor do Israel sofredor: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Sl 22,2).

Ensina Santo Atanásio que

[...] após ter revelado sua divindade pelas obras, restava ainda oferecer o sacrifício por todos, entregando por todos à morte o templo do seu corpo (Hb 9,12.24), a fim de suprimir os obstáculos e libertá-los da antiga transgressão (Ap 12,9). [...] a morte de todos se cumpria no corpo do Senhor, e de outro lado a morte e a corrupção eram destruídas pelo Verbo unido a este corpo. Necessária era a morte, forçoso advir para todos, a fim de que a dívida comum fosse saldada.⁸³

De fato, “O Senhor suportou entregar sua própria carne à destruição, para que fôssemos purificados pelo perdão dos pecados, isto é, pela aspersão feita com o seu sangue”.⁸⁴ Assumindo a condição humana em tudo, Jesus Cristo se entrega livremente à morte para participar do destino humano, levando à plenitude o mistério da encarnação. A Carta aos Hebreus explora essa temática retomando a Lei, segundo a qual a expiação era feita pela aspersão do sangue. No entanto, a Carta afirma a impossibilidade de o sangue de animais perfeitamente expiar os pecados, por isso que para Cristo é formado um corpo e Ele oferece o sacrifício da obediência à vontade do Pai (Hb 10,1-10). O sacrifício do Senhor, portanto, é constituído de uma dupla dimensão: interior, pela obediência, e exterior, pela paixão e morte.⁸⁵ Por isso, Cristo oferece o sacrifício como sacerdote eterno na ordem de Melquisedec (Hb 7,24), entra no Santuário com seu próprio sangue obtendo redenção eterna (Hb 9,12) e se torna mediador da nova aliança, abolindo o pecado para sempre (Hb 9,26).

É Cristo, com efeito, que, por si só, ofereceu tudo o quanto sabia ser necessário para a nossa redenção; ele é ao mesmo tempo sacerdote e sacrifício, Deus e templo. Sacerdote, por quem somos reconciliados; sacrifício, pelo qual somos reconciliados; templo, onde somos reconciliados; Deus, com quem somos reconciliados. Entretanto, só ele é o sacerdote, o sacrifício e o templo, enquanto Deus na condição de servo; mas na sua condição divina, ele é Deus com o Pai e o Espírito Santo.⁸⁶

⁸³ SANTO ATANÁSIO, 2010, p. 152-153.

⁸⁴ PADRES APOSTÓLICOS. Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; **Carta a Barnabé**; Papias; Didaqué. Trad. Ivo Storniolo e Eulcídes Balancin. São Paulo: Paulus, 1995, p. 291. [Coleção Patrística].

⁸⁵ COSTA, 2020, p. 441.

⁸⁶ SÃO FULGÊNCIO DE RUSPE. *In: LITURGIA DAS HORAS*. V. 2. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999, p. 345.

Desse modo, os sacrifícios do Templo são superados e algo novo se apresenta, pois aquilo que os sacrifícios animais tentaram significar agora acontece em realidade. A relação de Deus com o mundo e com o ser humano, ferida pelo pecado original, é renovada pela reconciliação no sangue de Cristo.⁸⁷ Santo Anastácio de Antioquia ensina com clareza: “O motivo pelo qual o Verbo de Deus, e portanto impassível, se submeteu à morte é que, de outra maneira, o homem não podia salvar-se”.⁸⁸ O sofrimento de Cristo cumpriu as profecias. Isaías afirma que o Servo de YHWH foi transpassado por nossas transgressões e esmagado por nossas iniquidades, fomos curados por suas chagas (Is 53,5). O Senhor se torna o verdadeiro cordeiro pascal, do qual nenhum osso é quebrado (Ex 12,46; Jo 19,33) e cujo sangue salva da condenação. A Igreja primitiva compreendeu isso e confessou: “Ele não cometeu nenhum pecado, mentira nenhuma foi achada em sua boca. [...] Sobre o madeiro, levou nossos pecados em seu próprio corpo” (1Pd 2,22.24). São Paulo igualmente transmite o que recebeu da comunidade cristã: “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as escrituras” (1Cor 15,3).

A partir do acontecimento pascal, os testemunhos neotestamentários atribuem à morte de Jesus uma importância salvífica universal. Jesus aceitou a morte, por obediência à vontade de seu Pai, como um sacrifício pelo qual o pecado é expiado e a nova aliança como comunhão eterna de vida dos seres humanos com Deus é aberta para todos aqueles que, por sua vez, se abrem, na fé e no amor, ao Reino de Deus.⁸⁹

Contudo, a afirmação da morte de Jesus como verdadeiro homem e como novo cordeiro pascal não é o fim, pois para a plenitude da Páscoa exige-se uma passagem. O salmo 15 canta: “não haveis de me deixar entregue à morte, nem vosso amigo conhecer a corrupção”⁹⁰ e o profeta Oseias proclamara: “Depois de dois dias nos fará reviver, e no terceiro dia nos levantará e nós viveremos em sua presença” (Os 6,2). Jesus Cristo, preparando seus discípulos para sua Paixão, afirmou que ressuscitaria dos mortos (Mt 20,19; Mc 10,34; Lc 18,33). São justamente essas as palavras que o Anjo anuncia na manhã do primeiro dia diante do sepulcro vazio: *resurrexit sicut dixit* – Ele ressuscitou como disse (Mt 28,6; Lc 24,6). Jesus Cristo é ressuscitado dos mortos, triunfando sobre a morte e libertando a humanidade da escravidão pelo poder de Deus: é a grande boa nova da fé cristã – “Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras” (1Cor 15,4).

⁸⁷ RATZINGER, 2016, p. 208.

⁸⁸ SANTO ANASTÁCIO DE ANTIOQUIA. *In: LITURGIA DAS HORAS*. V. 2. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999, p. 508.

⁸⁹ MÜLLER, 2015, p. 213.

⁹⁰ LITURGIA DAS HORAS. V. 3. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999, p. 1173.

A ressurreição é a glorificação da humanidade de Jesus, seu corpo e sua alma. Trata-se de uma realidade histórica porque se situa no espaço e no tempo, e porque quem ressuscitou foi o Cristo histórico, que passou vitorioso através do abismo que o ser humano tinha feito para si. [...] Jesus, ao penetrar no abismo do mal, resgatou o ser humano destruindo o pecado na sua raiz, e consequentemente também a morte.⁹¹

Toda a vida de Jesus Cristo tem valor salvífico, mas os seus últimos momentos têm valor especial, pois são a sua Páscoa, sua passagem para o Pai. Sua Páscoa é a salvação da sua humanidade enquanto é glorificada e entra na eternidade; é a salvação da humanidade toda enquanto assumida na humanidade do Mediador; e é salvação da criação enquanto Jesus é ponte entre Criador e criaturas.⁹² A *salvação* é a ação pela qual Deus livra os seres humanos de todos os males e os faz participar de sua vida pela Graça, neste mundo e, futuramente, pela glória. Salvação é o contexto mais amplo, que abriga em si os conceitos de *redenção* – a ação divina que nos compra para sua glória, pagando nossa dívida com ele adquirida no pecado; *satisfação* – é o valor infinito do amor e da obediência de Cristo até à morte pela ofensa do pecado; e *expição* – o cumprimento da pena devida.⁹³ Jesus realiza essa grande obra no mistério de sua Páscoa, como testemunham as Escrituras: onde abundou o pecado, superabundou a Graça (Rm 5,20), pois se em Adão todos são feitos solidários no pecado, em Jesus Cristo abre-se a solidariedade abundante da Graça salvífica (Rm 5,12-19).

Foi, com efeito, quando éramos ainda fracos, que Cristo, no tempo marcado, morreu pelos ímpios. – Dificilmente alguém dá a vida por um justo; por um homem bom talvez haja alguém que se disponha a morrer. – Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores. Quanto mais, então, agora, justificados por seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Pois, se quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho, muito mais agora, uma vez reconciliados, seremos salvos por sua vida (Rm 5,6-10).

Assim como se diz que Cristo é o mediador da criação, de modo mais claro é também mediador da salvação, como atestam também as Escrituras. São Pedro, discursando diante do sínédrio dos judeus, afirma veementemente que não há outro nome debaixo do céu pelo qual a humanidade deve ser salva (At 4,12). São Paulo, escrevendo a Timóteo, afirma que “há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus, que se deu em resgate por todos” (1Tm 2,5-6). Aos colossenses também escreveu que em Jesus Cristo aprovou a Deus reconciliar todos os seres, da terra e dos céus, realizando a paz pelo sangue de sua cruz”

⁹¹ COSTA, 2020, p. 466.

⁹² COSTA, 2020, p. 441.

⁹³ COSTA, 2020, p. 415.

(Cl 1,19-20). O ofício de mediador é unir aqueles entre os quais se interpõe, pois os extremos se unem no meio, por isso somente Jesus Cristo em sua humanidade é também verdadeiro mediador, unindo os seres humanos a Deus.⁹⁴

A mediação de Cristo é o resultado da suprema solidariedade do Verbo com a humanidade pecadora, a qual reconcilia com Deus ao assumi-la em sua encarnação. Contudo, assumir a humanidade pecadora não faz de Cristo um *iniquus*, mas um *infirmus*. Jesus se aproxima de nós pela *debilidade (infirmitas)*, não pelo pecado (*iniquitas*).⁹⁵

O Mediador entre Deus e os homens, para levar a termo a união da humanidade a Deus, depois de ressuscitado e de aparecer a seus discípulos, foi elevado ao céu e sentou-se à direita de Deus Pai na glória (Mc 16,19; Lc 24,51) como Senhor e Rei. Assim como na encarnação o Verbo veio buscar a ovelha perdida – o ser humano, na ascensão Ele toma a ovelha e a carrega consigo e a faz entrar na vida divina por sua humanidade, preparando o caminho a todos os que n’Ele serão salvos.⁹⁶ Entrando na glória, recebe do Pai o Espírito Santo prometido e o derrama (At 2,33) sobre os seus (At 2,1-4) no dia de Pentecostes. Cumpre-se a profecia de Joel segundo a qual seria derramado o Espírito sobre todos, os quais profetizariam (Jl 3,1) e de Jeremias, pois a nova Aliança (Jr 31,31) inscreve a Lei nos corações, a lei do amor. Deste modo, o derramamento do Espírito de amor nos corações dos fiéis (Rm 5,5) leva à plenitude a remissão dos pecados e a restauração da humanidade, pois é o Espírito do Ressuscitado, dado para a santificação. De decaído, o ser humano passa a um *status naturae reparatae et sanctificatae*.⁹⁷

2.2 BATISMO: O INÍCIO DA OBRA DA GRAÇA

O Senhor Jesus não veio para abolir a Lei, mas para levá-la à sua plenitude (Mt 5,17) com os seus ensinamentos e, posteriormente, com o derramamento do Espírito Santo. A Lei, de fato, é a expressão da vontade de Deus e está ao alcance da inteligência humana (Dt 30). Porém, por conta do pecado o ser humano sozinho não pode justificar-se diante de Deus, estando frágil e facilmente sendo enganado em seu coração, não pode se reerguer nem pelas

⁹⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. V. 4. Trad. Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2016, p. 204-206.

⁹⁵ COSTA, 2020, p. 402-403.

⁹⁶ COSTA, 2020, p. 477.

⁹⁷ MÜLLER, 2015, p. 102. Estado de natureza reparada e santificada [tradução nossa].

forças naturais nem pela Lei.⁹⁸ Por isso, a justificação deve ser uma obra de Deus no homem que o leva à fidelidade e à constância nos caminhos de Deus.⁹⁹ Como foi visto, esse processo se dá em um ser humano concreto – Jesus Cristo, pois Ele é o Justo (At 3,14). Ele é também aquele que cumpriu toda a justiça até o fim (Mt 3,15), sendo obediente até a morte (Fl 2,8) à vontade do Pai.

No entanto, a justificação alcançada por Jesus Cristo não é para si mesmo, como se fosse um pecador. Absolutamente inocente, Ele não entregou sua vida para reparar seus próprios pecados – pois não os tinha –, mas para expiar os nossos pecados (Mt 26,28). Não se deve compreender esse gesto de Jesus como uma substituição penal, como se morresse em nosso lugar, condenado pela crueldade de Deus Pai. Acontece uma satisfação vicária, como cunhou Santo Anselmo de Cantuária, pela qual Cristo apaga a desobediência por sua obediência, o desamor por seu amor, unindo-se a cada ser humano em solidariedade como Cabeça dos redimidos (Cl 1,18). Assim como os homens são solidários na transmissão do pecado original, como foi visto, em Cristo e por Ele fundamenta-se a solidariedade na salvação.¹⁰⁰

Considerando prudentemente a satisfação vicária, há que se considerar que o pecado tem de fato uma gravidade infinita, por conta do infinito amor que recusa. Por isso a satisfação do pecado tinha que ter valor infinito, e o teve através do sacrifício de Cristo – pois as ações de Cristo enquanto Deus e homem verdadeiro têm valor infinito – e superabundante em graça. Deste modo, Cristo oferecendo-se ao Pai pela salvação do gênero humano merece para ele a justificação, a salvação.¹⁰¹ O Concílio de Trento em sua sexta sessão (1547) ensina que a finalidade dessa justificação é a glória de Deus Pai e de Cristo e a vida eterna, a abertura das portas da comunhão com Deus novamente para o homem. Ensina igualmente que o meio pelo qual a humanidade é justificada é pela misericórdia do Pai e o derramamento do Espírito, pelos méritos do Mistério Pascal e tendo como causa formal a justiça de Deus que justifica os homens.¹⁰²

No entanto, ainda que Cristo tenha morrido por todos, não são todos os que recebem o benefício de sua morte, mas somente aqueles aos quais é comunicado o mérito da sua paixão.¹⁰³ Como ensinava Santo Agostinho: “Deus nos criou sem nós, mas não quis salvar-nos

⁹⁸ DH 1521.

⁹⁹ LÉON-DUFOUR, 2013, p. 518-519.

¹⁰⁰ COSTA, 2020, p. 423-424.

¹⁰¹ COSTA 2020, p. 425.

¹⁰² DH 1529.

¹⁰³ DH 1523.

sem nós”.¹⁰⁴ Essa comunicação se dá aos seres humanos pelo sacramento do Batismo, pelo qual aqueles que receberam a fé pela pregação (Rm 10,17) são mergulhados no Mistério Pascal da morte e ressurreição do Senhor. O Batismo é o sacramento da fé, pela qual Deus opera a justificação, como ensina São Paulo: “justiça de Deus que opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem – pois não há diferença, visto que todos pecaram e estão privados da glória de Deus – e são justificados gratuitamente, por sua Graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus” (Rm 3,22-24). Diante disso, ensina Trento:

[A justificação] é a passagem do estado no qual o homem nasce filho do primeiro Adão, ao estado de graça e de “adoção dos filhos de Deus” (Rm 8,15), por meio do segundo Adão, Jesus Cristo nosso salvador; esta passagem, depois do anúncio do Evangelho, não pode acontecer sem o banho da regeneração ou sem o desejo dele, como está escrito: “Se alguém não renascer da água e do Espírito Santo, não poderá entrar no reino de Deus” (Jo 3,5).¹⁰⁵

As Escrituras atestam que, antes de voltar para o Pai, Jesus envia seus apóstolos para batizarem *em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo* (Mt 28,19) para que pela fé e pelo banho batismal fossem salvos (Mc 16,16; Jo 3,5). A Igreja, desde o Pentecostes, cumpriu esse mandato, ligando o Batismo à conversão interior a Cristo pela fé (At 2,38; 3,19; 10,48; 16,15). Os apóstolos em suas cartas vão explicitando a doutrina do Batismo, ligando-a sempre ao Mistério Pascal. A primeira Carta de São Pedro fala dele como realização da salvação pelas águas, prefigurada pela Arca de Noé, através da ressurreição de Cristo (1Pd 3,18-22). São Paulo na Carta aos Romanos aborda essa temática de modo belo e profundo, afirmando que todos os batizados em Cristo são batizados em sua morte, são sepultados com Ele em sua morte para que tenham vida nova, assim como Cristo ressuscitou (Rm 6,3-4).

Óh! Fato estranho e paradoxal! Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas estas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação. Oh! Amor sem medida! Cristo recebeu em suas mãos imaculadas os pregos e sofreu, e a mim, sem sofrimento e sem pena, concede graciosamente por esta participação a salvação.¹⁰⁶

¹⁰⁴ SANTO AGOSTINHO. *In*: CIgC 1847.

¹⁰⁵ DH 1524.

¹⁰⁶ SÃO CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses mistagógicas*. Trad. Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 26-27.

A Igreja primitiva compreendeu o Batismo como mandato do Senhor Jesus e como necessário à salvação desde o início. Na ação de batizar, aos poucos se desenvolve a compreensão sacramental do que era realizado. Por compreensão sacramental¹⁰⁷ pode-se falar da convicção de que a história de Deus com os homens acontece em eventos e encontros concretos que se tornam sinais da proximidade de Deus, de sua manifestação e aproximação, pelas quais transforma os homens.¹⁰⁸ A sacramentalidade do Batismo vai se formando a partir de uma série de conceitos elaborados pelos Padres da Igreja, como o selo batismal, a remissão dos pecados, a comunicação do Espírito e a iluminação.¹⁰⁹ Com os Padres, todos os documentos eclesiais e símbolos da fé desde os primórdios confessam a remissão dos pecados através do Batismo, segundo o que se encontra na Carta aos Efésios: “há um só Senhor, uma só fé, um só batismo;” (Ef 4,5). Toda essa realidade sacramental acontece na dinâmica da comunicação da Graça do Espírito Santo.

O Espírito Santo, que é Deus juntamente com o Pai e o Filho, nos renova pelo batismo; e do nosso estado de imperfeição, reintegra-nos na beleza primitiva. Torna-nos de tal forma repletos de sua graça, que não podemos admitir em nós qualquer coisa que não deva ser desejada. Além disso, liberta-nos do pecado e da morte. E de terrenos que somos, quer dizer, feitos do pó da terra, nos faz espirituais, participantes da glória divina, filhos e herdeiros de Deus Pai. Faz-nos ainda conformes à imagem do Filho, seus co-herdeiros e irmãos, destinados a ser um dia glorificados e a reinar com ele. Em vez da terra, dá-nos de novo o céu, abre-nos generosamente as portas do paraíso, honra-nos mais do que os próprios anjos. E com as águas divinas do batismo, apaga as imensas e inextinguíveis chamas do inferno.¹¹⁰

Em todo caso, toda a reflexão eclesial sobre o Batismo possui um fundamento claro: ele representa em primeiro lugar o meio decisivo para entrar pela primeira vez em comunhão com Cristo e com seu mistério salvador.¹¹¹ A partir dele toda a economia sacramental está aberta ao fiel cristão para plenificar a comunhão iniciada, como reza Santo Efrém: “Com a graça do batismo, conservamos escondido em nosso corpo o tesouro que nos destes, tesouro

¹⁰⁷ Sacramento: do grego *mysterion*, traduzido para o latim por *sacramentum* – expressa, no Novo Testamento, o sinal inequívoco de realização da presença de Deus no mundo, Jesus Cristo, enquanto mistério da salvação. Assim era a compreensão dos Padres gregos, *mysterion* como símbolo real de uma realidade superior (divina) no mundo humano. *Sacramentum*, por sua vez, é tradução que mantém este sentido de presença salvífica, mas também de um ato de tornar sagrado ou do meio pelo qual algo é tornado sagrado. NOCKE, Franz-Joseph. In: SCHNEIDER, Theodor (org). **Manual de Dogmática**. V. 2. Trad. Ilson Kayser, Luís Marcos Sander, Walter Schlupp. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 177-179.

¹⁰⁸ NOCKE, Franz-Joseph. In: SCHNEIDER, V. 2, 2012, p. 174.

¹⁰⁹ GOEDERT, Valter Maurício. **Teologia do batismo**: considerações teológico-pastorais sobre o batismo. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1987, 43 et seq.

¹¹⁰ DÍDIMO DE ALEXANDRIA. In: LITURGIA DAS HORAS, V. 2, 1999, p. 794.

¹¹¹ OÑATIBIA, Ignacio. **Batismo e confirmação**: sacramentos de iniciação. Trad. José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 154.

que aumenta na mesa dos vossos sacramentos; fazei-nos viver sempre na alegria da vossa graça”.¹¹² Assim o Batismo faz com que o ser humano viva a dinâmica do já e ainda não: já lhe foi comunicada a salvação, mas na esperança escatológica (Rm 8,24). No desenvolvimento na fé, Deus propõe e conduz o fiel para, livremente, abraçar a salvação que o Batismo já lhe ofereceu. Por isso este pertence à categoria de acontecimento salvífico, pois é a história da salvação em ato na vida do cristão, é o mistério que nela se atualiza como revelação e oferta.¹¹³

Que o Batismo comunica o mistério da salvação àquele que o recebe está claro, resta saber quais são seus efeitos na vida do fiel. Em primeiro lugar o batizado é incorporado e assimilado a Cristo em sua morte e ressurreição, e um selo de pertença a Cristo indelével é gravado na sua alma. O batizado também é incorporado na Igreja e na Comunhão dos Santos. Pela incorporação a Cristo, o fiel participa dos seus bens e méritos aplicados pela remissão dos pecados e pelo novo nascimento para uma vida no Espírito Santo como filho de Deus.¹¹⁴ O significado de cada efeito será visto a seguir.

Conforme a tradição teológica já dos tempos paulinos, ao ser batizado o fiel é revestido de Cristo (Gl 3,27), envolvido por Ele. Porém, Paulo explora mais a incorporação a Cristo, o primeiro dos efeitos do Batismo. A Primeira Carta aos Coríntios vai trabalhar com a comparação do corpo, o qual embora seja formado por muitos membros diversos em funções é um só. De modo semelhante acontece com Cristo: todos aqueles que foram batizados são incorporados nele, como um enxerto, e formam um só corpo (1Cor 12,12.27), cuja cabeça é o próprio Cristo (Cl 1,18). Incorporados em algo real: na sua morte e ressurreição, ou seja, no seu mistério Pascal, mistério da salvação. Por isso o rito do Batismo constitui de duas atitudes básicas: a imersão em água e a emersão desta. A imersão simboliza o sepultamento com Cristo, o morrer para o pecado. A emersão, por sua vez, diz respeito à ressurreição e à vida nova, à vida em Cristo (Ef 5,14).¹¹⁵ Não quer dizer que, desse modo, haja fusão pessoal ou absorção da individualidade do fiel com o Senhor, e sim uma íntima união.¹¹⁶

O segundo efeito diz respeito ao caráter e está intimamente ligado ao primeiro, da incorporação. A impressão do caráter afirma que além de incorporar, o sacramento do Batismo produz uma identificação do fiel a Cristo e uma consagração: o batizado não se pertence mais, mas a Deus por Cristo (1Cor 6,19). Tal marca, selo, grava naqueles que são batizados a imagem

¹¹² SANTO EFRÉM. *In: LITURGIA DAS HORAS*. V. 2. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999, p. 1623.

¹¹³ OÑATIBIA, 2007, p. 158.

¹¹⁴ CUTTAZ, F. **Filiação divina**: preciosos efeitos do batismo. Trad. Cecília Britto Pereira. São Paulo: Edições Paulinas, 1962, p. 7.

¹¹⁵ CUTTAZ, 1962, p. 17.

¹¹⁶ CUTTAZ, 1962, p.18.

de Cristo, Filho amado de Deus, que ama e é obediente até a entrega de sua vida. O caráter é, portanto, um selo espiritual, isto é, gravado na alma; é incorruptível, nem mesmo quem recai no pecado perde-o; é indelével, por ele o Batismo nos insere no eterno.¹¹⁷ Por todas estas características, o caráter batismal é o princípio da Graça de Deus na vida do cristão.¹¹⁸

Batizados em Cristo e revestidos de Cristo, vós vos tornastes semelhantes ao Filho de Deus. Com efeito, Deus que nos destinou para a adoção de filhos tornou-nos semelhantes ao corpo glorioso de Cristo. Felizes, portanto, participantes do corpo de Cristo, com toda razão sois chamados “cristãos”, isto é, unguídos; [...]. tornastes-vos “cristãos” no momento em que recebestes o selo do Espírito Santo; e tudo isto foi realizado sobre vós em imagem, uma vez que sois imagem de Cristo”.¹¹⁹

Como consequência da incorporação em Cristo está a incorporação à Igreja, que é seu corpo. Não existe comunhão com Cristo sem a comunhão com os irmãos, na grande comunhão dos santos. No mesmo momento em que, pelo Batismo, o cristão se torna membro de Cristo, se torna membro da Igreja e da família de Deus.¹²⁰ Os Atos dos Apóstolos exemplificam bem isto quando falam do batismo de conversão e acolhida na Igreja de três mil pessoas logo após o Pentecostes (At 2,37-41). Ao passo que a Igreja acolhe o batizado, o Batismo também edifica a Igreja, pois ela cresce quando novos fiéis são a ela congregados. A Igreja, Corpo de Cristo, constitui-se, assim, como raça eleita, sacerdócio régio, nação santa, propriedade e povo de Deus, conduzido das trevas à luz, alcançando misericórdia (1Pd 2,9-10). O povo que Deus reuniu é congregado numa grande comunhão, através da qual circulam bens espirituais numa grande solidariedade, assim os batizados não são isolados.

Visto que pelo mesmo ato Deus concede a Graça e perdoa a culpa,¹²¹ precisa-se considerar que com o derramamento de tantos dons se tem a remissão dos pecados. Nas próprias palavras do Senhor Jesus, segundo o Evangelho de Mateus, já está contida a remissão dos pecados pelo sacrifício pascal (Mt 26,28), e já é sabido que os méritos da Paixão são aplicados nos seres humanos pelos sacramentos, a começar pelo Batismo. Por isso a Igreja sempre confessou a fé num só batismo para a remissão dos pecados.¹²² O concílio de Florença esclareceu a doutrina da Igreja afirmando que o Batismo perdoa todos os pecados, seja o

¹¹⁷ CUTTAZ, 1962, p. 32-33.

¹¹⁸ CUTTAZ, 1962, p. 38.

¹¹⁹ CATEQUESES DE JERUSALÉM. *In*: LITURGIA DAS HORAS. V. 2. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999, p. 547.

¹²⁰ OÑATIBIA, 2007, p. 167.

¹²¹ SANTO TOMÁS DE AQUINO, V. 2, 2016, p. 737.

¹²² DH 150.

original, seja os pecados atuais (pessoais) e todas as penas relativas a eles.¹²³ Desse modo, o cristão renasce para uma vida nova em Cristo, vida da Graça.

Até agora foram feitos acenos sobre a Graça, mas de fato o que é? A Graça é um favor ou socorro gratuito que Deus dá ao ser humano, é a participação na própria vida de Deus.¹²⁴ Não é dada por causa de merecimentos, mas gratuitamente, como sugere o próprio nome, porque foi gratuitamente que Deus justificou a humanidade pelo sangue de Cristo.¹²⁵ A Carta aos Efésios afirma: “Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo – pela graça fostes salvos! [...] por meio da fé, e isso não vem de vós, é o dom de Deus” (Ef 2,4-5.8). Diz Santo Agostinho, o Doutor da Graça, que “Ela não somente nos leva a conhecer o que devemos fazer, mas também a praticar o que conhecemos; não somente a acreditar no que devemos amar, mas também a amar o que cremos”.¹²⁶ Portanto, “a graça é um dom sobrenatural concedido gratuitamente por Deus através dos méritos de Cristo ao homem caído para completar a redenção em nós ou para alcançar a vida eterna”.¹²⁷

Por esta razão, no Batismo, é dada ao ser humano a Graça santificante, que infunde em nós pelo Espírito Santo a vida de Deus e se estabelece como um dom habitual, estável, para aperfeiçoar a alma e torná-la capaz de viver com Deus e agir por seu amor.¹²⁸ Assim, o Batismo é convenientemente chamado de porta da Graça na vida do fiel. Contudo, essa comunicação da Graça e a remissão dos pecados, bem como todos os demais efeitos do Batismo, só podem ser justamente compreendidos pela ação do Espírito Santo, *altissimi donum Dei*, o dom do Deus altíssimo, como canta a Igreja no hino *Veni Creator*. Ele é o Prometido do Pai (Jo 14,16-17), tudo o que foi feito para a salvação da humanidade em Jesus Cristo se torna presente e atuante pelo Espírito.¹²⁹ Por que “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

Tendo o Criador do universo decidido restaurar todas as coisas em Cristo, dentro da mais admirável e perfeita ordem, e restituir à natureza humana sua condição original, prometeu, junto com os outros dons que daria copiosamente, conceder o Espírito Santo. Pois, de outro modo o homem não poderia ser reintegrado na posse tranquila e permanente desses dons. [...]

¹²³ DH 1316.

¹²⁴ CIgC 1996-1997.

¹²⁵ SANTO AGOSTINHO. **A graça (I)**. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1998, p. 115. [Coleção Patrística].

¹²⁶ SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 227.

¹²⁷ BARTMANN, Bernardo. **Teologia Dogmática**: a redenção, a graça, a Igreja. V. 2. Trad. Vicente Pedroso. São Paulo: Edições Paulinas, 1962, p. 113. [pdf].

¹²⁸ CIgC 1999-2000.

¹²⁹ HIBERATH, Bernd Jochen. *In*: SCHNEIDER (org), 2012, p. 19.

Determinou, portanto, o tempo em que o Espírito Santo desceria sobre nós, isto é, o da vinda de Cristo, prometendo com estas palavras: *Naqueles dias, a saber, nos dias do Salvador, derramarei meu Espírito sobre todo ser humano* (Jl 3,1). [...] O Unigênito de Deus não recebeu o Espírito Santo para si mesmo; com efeito, esse Espírito que é seu, nos é dado nele e por ele, como já dissemos antes, pois, tendo-se feito homem, tinha em si a totalidade da natureza humana, a fim de restaurá-la toda e restituir-lhe a integridade original.¹³⁰

É pela ação do Espírito Santo que os merecimentos de Cristo são aplicados na vida do cristão através dos sacramentos, a iniciar pelo Batismo. Por isso a terceira Pessoa trinitária é a própria vida divina dada aos homens fazendo-os filhos adotivos de Deus – filhos no Filho, a fim de que a semelhança perdida pelo pecado lhes seja restituída, em vistas da glória futura que é a vida na comunhão com Deus.¹³¹ Não à toa ensinava o Apóstolo Paulo que “Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14), pois aos homens não foi dado um espírito de escravos, mas de “filhos adotivos, pelo qual clamamos: *Abba! Pai!* O próprio Espírito se une aos nossos para testemunhar que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Rm 8,15-17). De fato, o Pai havia querido já antes da fundação do mundo que os seres humanos fossem seus filhos adotivos (Ef 1,5), por isso “já não sois estrangeiros, nem adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (Ef 2,19). Pois, “Na verdade, que graça maior Deus poderia nos conceder do que, tendo um único Filho, fazê-lo Filho do homem e reciprocamente fazer os filhos dos homens serem filhos de Deus?”¹³²

Portanto, pelo Batismo recebido como aplicação do mistério da redenção na vida do fiel, Deus inicia a obra da sua Graça pelo Espírito Santo. A finalidade da obra é a configuração do cristão ao Justo, Novo Homem da Nova Criação, Jesus Cristo. Pois a parte de Deus, Salvador, já está dada: Cristo restaura a humanidade, mas essa restauração deve ser total e cooperada pela liberdade do fiel. Por isso, a obra da Graça é uma obra de santificação, à qual todos aqueles que foram incorporados em Cristo são chamados, para que se tornem, efetivamente e verdadeiramente, o corpo de Cristo.

¹³⁰ São Cirilo de Alexandria. *In: LITURGIA DAS HORAS*. V. 1. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999, p. 546.

¹³¹ CIgC 705.

¹³² SANTO AGOSTINHO. *In: LITURGIA DAS HORAS*. V. 1. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999, p. 343.

3 A CONFIGURAÇÃO A CRISTO NA VIDA DO FIEL

O fato do cristão ser realmente filho de Deus faz voltar a reflexão acerca da vocação do homem para a comunhão pois, pelo Batismo e pela ação do Espírito Santo, essa realidade já acontece. E a comunhão é uma verdadeira união com Deus, que tem início neste mundo e há de se plenificar escatologicamente. Na verdade, é o processo de acolhida da redenção na vida de cada pessoa. Jesus Cristo morreu por todos, mas a obra da redenção deve ser encarnada na experiência pessoal com o Cristo vivo e ressuscitado, por sua Graça e pelo Espírito, na comunhão eclesial. Tal é o caminho da santidade.

3.1 VOCAÇÃO UNIVERSAL À SANTIDADE

Mas, o que é santidade? O termo semítico *qodesh*, coisa santa, santidade, provém de um radical que significa cortar, separar, apontando para uma separação do profano – o santo, sagrado, é esta realidade separada da qual ninguém se aproxima de qualquer modo pela sua majestade, pois ela provoca terror e fascínio.¹³³ Para Léon-Dufour, porém, a noção bíblica vai além da simples separação do profano, pois contém a revelação do próprio Deus como fonte da santidade. Trata-se do mistério da Sua comunicação com os homens, primeiro nas coisas sagradas exteriores, depois pelo Espírito Santo que é o amor que triunfa sobre o pecado e santifica.¹³⁴ Nesse sentido Deus santifica, ou seja, separa para si um povo, Israel; santifica pela consagração pessoas, lugares, ou seja, Ele é o Santo e revela a sua santidade na história.

Jesus Cristo, Deus feito homem, foi revelado como o Santo (Lc 1,35; Mc 1,24; At 3,14). Em seus milagres, sinais e em sua oração, Jesus revela o Pai santo (Jo 17,11) e pede que Ele santifique os seus (Jo 17,17). Em verdade, àqueles que aderem a Cristo são santificados pelo Espírito Santo, na verdade da Palavra, mais que separados do mundo, libertos do Maligno (Jo 17,15). Por isso, no período apostólico, os cristãos identificavam-se e saudavam-se como santos (Ef 1,1; 2Cor 1,1; Cl 1,1), santificados em Jesus Cristo (1 Cor 1,2) e eleitos para Deus (1Ts 1,4). A carta aos Efésios deixa-nos um belo testemunho: “Nele [, em Jesus Cristo, o Pai] nos escolheu antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor” (Ef 1,4). A terminologia empregada é aquela cultual do Antigo Testamento que recorda os cordeiros do sacrifício: santos porque separados para o Senhor e irrepreensíveis, imaculados,

¹³³ LÉON-DUFOUR, 2013, p. 970.

¹³⁴ LÉON-DUFOUR, 2013, p. 970.

porque adequados para o sacrifício.¹³⁵ A partir daí já se antevê que a vocação cristã é um chamado a oferecer-se em culto espiritual, sacrifício vivo e agradável (Rm 12,1). Lê-se na carta aos Romanos: “não vos conformeis com o mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de discernir qual a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito” (Rm 12,2).

Em suma, todos os cristãos são chamados à santidade, como São Paulo recorda aos romanos (Rm 1,7), pois o Senhor mesmo o disse. Jesus afirmara: “deveis ser perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48). Nosso Senhor faz um eco ao livro do Levítico no capítulo 19, no qual Deus, ao dar ao povo prescrições morais e culturais, afirma: “Sede santos, porque eu, YHWH vosso Deus, sou santo” (Lv 19,2), porém, com o acréscimo da noção de Deus como Pai. De fato, “Assim como os filhos carnais assemelham-se aos seus pais por algum sinal do corpo, os filhos espirituais assemelham-se a Deus na santidade”.¹³⁶ Não se trata de um perfeccionismo humano, mas no aperfeiçoar-se na caridade e na Graça de Deus. Também a Primeira Carta de Pedro corrobora esse chamado quando afirma: “Antes, como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos também vós santos em todo o vosso comportamento” (1Pd 1,15). Se os cristãos foram feitos filhos de Deus, devem caminhar, pois, de acordo com essa sua constituição.

Mas já que disse: *Sede santos porque eu sou santo*, pedimos e rogamos que nós, santificados pelo batismo perseveremos no que começamos a ser. Cada dia pedimos o mesmo. A santificação cotidiana é necessária para nós pois, cada dia, falhamos e temos de purificar nossos delitos por assídua santificação.¹³⁷

Assim Deus comunica sua glória aos homens chamando-os a participar na sua santidade; por sua vez, estes dão glória a Deus e podem corresponder à Graça através de uma vida santa.¹³⁸ O chamado à santidade sempre ecoou na vida dos cristãos. Em princípio, sobretudo aqueles que se alegravam por configurarem-se com Cristo até o martírio, e depois em outros estados de vida como a virgindade e o monaquismo. Porém, não só mártires, virgens e monges podem seguir a Cristo num caminho de santidade. Santo Agostinho percebeu que a essência da santidade é o seguimento a Cristo, o renunciar a si mesmo e assumir a Cruz, configurando-se ao Mestre Jesus. Não só aqueles que o seguem como clérigos ou religiosos ou

¹³⁵ HAHN; MITCH; 2017, p. 54.

¹³⁶ PSEUDO-CRISÓSTOMO. *In: SANTO TOMÁS DE AQUINO. Catena áurea: exposição contínua sobre os evangelhos. V. 1 (São Mateus). Campinas: Ecclesiae, 2018, p. 223.*

¹³⁷ SÃO CIPRIANO DE CARTAGO. *In: LITURGIA DAS HORAS, 1999, p. 324.*

¹³⁸ COLOM; LUÑO, 2022, p. 85.

entregam a sua vida podem assumir esse caminho. Percebendo a necessidade de conclamar todos os cristãos, escreveu:

Estamos num mundo santo, bom, reconciliado, salvo, ou melhor, em vias de salvação, mas desde já salvo em esperança – *pois já fomos salvos, mas na esperança* (Rm 8,24) –. Com efeito, neste mundo, que é a Igreja, seguidora fiel de Cristo, disse ele a todos: *Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo* (Mt 16,24). Esta palavra não deve ser ouvida como dirigida apenas às virgens e não às esposas; nem só para as viúvas e não para as casadas; nem só para os monges e não para os maridos; nem só para os clérigos e não para os leigos. Pois toda a Igreja, todo o corpo, todos os seus membros, diferentes e distribuídos segundo suas próprias tarefas, devem seguir o Cristo. [...] Estes membros, que nela encontram seu lugar, sigam o Cristo, cada um segundo a sua vocação, posição ou medida.¹³⁹

Contudo, essa conclamação universal precisou ser recordada em outros momentos da história. Em meio ao caos produzido pela Revolução Protestante, particularmente na “Roma” calvinista – Genebra, a Providência suscitou São Francisco de Sales. Exponente do humanismo cristão e embebido na Reforma tridentina, ele vai defender a fé católica e trazer muitos calvinistas à Igreja Católica novamente.¹⁴⁰ Entre suas obras, a *Introdução à Vida Devota* ou *Filoteia* vai abordar a devoção, uma outra palavra sinônima para o caminho de santidade, propondo-o como um caminho destinado a todos os fiéis, cada um a seu modo, de acordo com seu estado de vida.

O Senhor, criando o universo, ordenou às árvores que produzissem frutos, cada uma segundo a sua espécie; e ordenou do mesmo modo a todos os fiéis, que são as plantas vivas de sua Igreja, que fizessem dignos frutos de piedade, cada um segundo seu estado e vocação. Diversas são as regras que devem seguir as pessoas da sociedade, os operários e os plebeus, a mulher casada, a solteira e a viúva. A prática da devoção tem que atender à nossa saúde, às nossas ocupações e deveres particulares.¹⁴¹

Diante disso, o santo bispo de Genebra afirma como é confuso, e até ridículo e intolerável, que um fiel pertencente a um estado de vida queira viver a santidade de acordo com a vida de outro estado. Exemplo disso é quando um bispo quer viver na solidão como um monge cartuxo, ou um operário que queira passar o dia inteiro na igreja como um religioso. A vida devota é falsa se não corresponder ao estado de vida e às condições nos quais se encontra;

¹³⁹ SANTO AGOSTINHO. *In: LITURGIA DAS HORAS*. V. 4. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999, p. 1704.

¹⁴⁰ FRÖHLICH, Roland. **Curso básico de história da Igreja**. Trad. Alberto Antoniazzi. São Paulo: Paulus, 1987, p. 135.

¹⁴¹ SÃO FRANCISCO DE SALES. **Filoteia**. Trad. João José P. de Castro. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 135.

diferentemente, quando é vivida contextualizada, há mais sinceridade, mais fidelidade e melhor é o amor.¹⁴² Para São Francisco de Sales é, ainda, um erro e uma heresia expulsar a devoção das cortes, do exército, dos operários e dos lares. É certo que a vida contemplativa, monástica ou religiosa não podem ser vividas nesses ambientes. Porém, “existem muitas outras devoções adequadas a aperfeiçoar os que as seguem. [...] Enfim, onde quer que estivermos, podemos e devemos aspirar continuamente à perfeição”.¹⁴³

No século XX, duas figuras atuantes no pré-Concílio defendem a importância de considerar a santidade um chamado feito por Deus a todos os fiéis. Desse modo, aos poucos, vai se firmando a doutrina da vocação universal à santidade. O papa Pio XI (1922-1939), na sua encíclica *Omnium rerum perturbationem* (1923) recorda o santo bispo de Genebra para, com ele, negar um preconceito generalizado na Igreja. O pontífice percebe que, para muitos, a verdadeira santidade não pode ser alcançada, ou pode somente por almas predestinadas com grandes graças, ou está tão sobrecarregada de deveres que não pode ser vivida fora de um claustro,¹⁴⁴ e por isso o papa repropõe o chamado universal. Outra figura que se destaca é São Josemaría Escrivá, que diversas vezes falou acerca da não existência de cristãos de segunda classe, cumpridores de uma versão reduzida do Evangelho, pois todos receberam o mesmo Batismo e o mesmo Espírito.¹⁴⁵ Dizia ele: “Repara bem: há muitos homens e mulheres no mundo, e nem a um só deles deixa o Mestre de chamar. Chama-os a uma vida cristã, a uma vida de santidade, a uma vida de eleição, a uma vida eterna”.¹⁴⁶

O Concílio Vaticano II para não deixar alguma dúvida de que a vocação à santidade é universal, ensinou magisterialmente essa doutrina na *Lumen Gentium*, a Constituição Dogmática sobre a Igreja. Partindo da indefectível santidade da Igreja, os padres conciliares deixaram claro que tanto a hierarquia quanto os que são por ela apascentados receberam esta vocação de acordo com o que diz São Paulo: “Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação (1Ts 4,3)”.¹⁴⁷ Os fundamentos são claríssimos: o Batismo e a filiação divina, bem como o chamado que o próprio Senhor faz à perfeição. De outra parte, o Concílio ensina que todos os fiéis participam no sacerdócio de Cristo pelo sacerdócio comum dos fiéis, e por ele podem

¹⁴² SÃO FRANCISCO DE SALES, 2012, p. 135-136.

¹⁴³ SÃO FRANCISCO DE SALES, 2012, p. 136.

¹⁴⁴ PIO XI. **Carta encíclica *Omnium rerum perturbationem***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/it/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_26011923_rerum-omnium-perturbationem.html. Acesso em: 22/04/2024.

¹⁴⁵ SÃO JOSEMARÍA ESCRIVÁ. **É Cristo que passa**. Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2024, p. 213-214.

¹⁴⁶ SÃO JOSEMARÍA ESCRIVÁ. **Forja**. 4 ed. Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2016, p. 27.

¹⁴⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática (*Lumen Gentium*). In: VIER, Frederico (Org.). **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 86; LG 39.

oferecer um sacrifício vivo e santo em louvor ao Pai, cada qual em seu caminho buscando a perfeição da santidade.¹⁴⁸ Afirma o Concílio:

Os seguidores de Cristo são chamados por Deus não por suas obras, mas por Seu desígnio e Sua graça. Eles são justificados no Senhor Jesus porquanto pelo batismo da fé se tornaram verdadeiramente filhos de Deus e participantes de sua natureza divina e portanto realmente santos. É, pois, necessário que eles, pela graça de Deus, guardem e aperfeiçoem em sua vida a santidade que receberam. [...] É assim evidente que todos os fiéis cristãos de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade.¹⁴⁹

Os pontífices que se seguiram ao Concílio também pregaram sobre essa doutrina em diversos momentos. Também o episcopado Latino-americano e do Caribe reunido em Aparecida (2007) fez o mesmo apelo, afirmando que Deus nos chama em Cristo a sermos santos como o Mestre, anunciadores do Evangelho animados pelo Espírito Santo.¹⁵⁰ Mais recentemente, o papa Francisco também recordou o ensinamento conciliar e propôs fazer ressoar o convite do Senhor. Na sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (2018) afirma que Deus “Quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa”.¹⁵¹ Todos a seu modo traduzem aquele desejo e oração do Apóstolo Paulo dirigido a todos os cristãos, naquele contexto aos de Tessalônica: “O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo, sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Quem vos chamou é fiel, e é ele que agirá” (1Ts 5,23-24).

3.2 O FUNDAMENTO ESPIRITUAL DA SANTIDADE

A santidade cristã está radicada no amor de Deus que vem ao encontro do ser humano, chama-o à comunhão, a fim de que, por Jesus Cristo e na Graça do Espírito Santo, a vida seja elevada e transfigurada até a plenitude. São João em sua primeira epístola, de modo sublime, apresenta esse mistério quando afirma: “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou e enviou-nos seu Filho como expiação dos nossos pecados” (1Jo 4,10). O cristianismo é, portanto, a religião não do homem que procura e que constrói um

¹⁴⁸ LG 11.

¹⁴⁹ LG 40.

¹⁵⁰ **DOCUMENTO DE APARECIDA:** Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 2 ed. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2007, p. 71 et seq; DAp 129-153.

¹⁵¹ FRANCISCO. *Exortação apostólica Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 7; GeE 1.

deus conforme seus métodos, mas de Deus que vem à procura do homem para levá-lo à plenitude no amor. Por esta razão o papa Bento XVI deixou à humanidade um admirável testemunho em sua primeira encíclica, *Deus caritas est* (Deus é amor). Afirmou o pontífice:

Nós cremos no amor de Deus – desse modo, pode o cristão exprimir a opção fundamental de sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande idéia [sic], mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, um rumo decisivo.¹⁵²

Tal rumo, como expressou o papa, fundamenta-se na razão de que o encontro com o amor de Deus leva ao reconhecimento que Ele é Aquele que confere a plenitude de sentido à vida, no amor. Quando se falou da criação do homem já se falou de que Deus cria livremente, por amor, para manifestar a sua glória e para que o homem viva em comunhão com seu Criador. Ora, todos os homens buscam um fim último, como ensina Santo Tomás, porque todos desejam a sua própria perfeição.¹⁵³ Porém os seres humanos buscam esta perfeição ou plenitude em diversas coisas: riqueza, prazer, honra, poder, glória, bens do corpo ou da alma. Contudo, esses bens são contingentes, em algum momento podem vir a faltar; então o Aquinate fala que o ser humano não é perfeitamente feliz enquanto ainda resta algo a desejar e buscar.¹⁵⁴ Como a criatura humana foi feita racional, somente na contemplação da verdade do ser do próprio Deus e no deleite do bem é que estará saciada, ou seja, no encontro com a Verdade e o Amor.

Acerca da verdade de que Deus é o fim último para o qual tendemos já está claro. Paradoxalmente, Ele também está no princípio, porque se deve partir de um encontro pessoal e profundo – é o Princípio e o Fim do caminho cristão (Ap 22,13). Na concretude da vida do cristão, o Batismo é esse momento paradoxal profundo, pois o coloca no encontro com um acontecimento e uma pessoa – o Mistério Pascal do Filho de Deus encarnado – e aponta para o fim que é a plenitude da adoção filial pela imortalidade. Exatamente por isso que a vocação do cristão à santidade é profundamente batismal, como caminho no qual o germe da santidade, que já é santidade real, vai crescendo e fazendo com que todo o ser seja transformado (Ef 4,13). Portanto “a aspiração ao bem absoluto pode ser tematizada e vivida pelo cristão como uma aspiração à santidade, entendida como plenitude da filiação divina, que se realiza concretamente na vida, no seguimento e na imitação de Cristo”.¹⁵⁵

¹⁵² BENTO XVI. **Carta encíclica “Deus caritas est”**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 3; DCE 1.

¹⁵³ SANTO TOMÁS DE AQUINO, V. 2, 2017, p. 35.

¹⁵⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO, V. 2, 2017, p. 53.

¹⁵⁵ COLOM; LUÑO, 2022, p. 76.

A chamada não vem só de fora. Trata-se de um convite interno do Espírito Santo, que renova constantemente a pessoa, e com sua graça impele-a sempre a uma fidelidade e heroísmo maiores, se não encontrar obstáculos em sua ação.¹⁵⁶

Esta é, certamente, a grande graça batismal: Deus, mais íntimo do ser humano que ele próprio,¹⁵⁷ que é também o seu fim, pela Graça se coloca como redentor elevando a sua natureza, e como princípio de ação santificando-o desde dentro. Nestes termos a teologia católica fala da vida sobrenatural cristã como a vida de Deus em nós. Não uma vida idêntica à divina, mas uma “uma participação da vida divina, conferida pelo Espírito Santo que habita em nós, em virtude dos méritos de Jesus Cristo, a qual devemos cultivar e defender contra as tendências opostas”.¹⁵⁸ O processo de cultivo e de defesa contra tendências opostas é o caminho de santificação ao qual cada fiel é chamado, removendo o estado de vida conforme o velho homem e revestindo-se do Homem Novo criado segundo Deus (Ef 4,23). Neste caminho, o cristão recebe de Deus as virtudes infusas – fé, esperança e caridade, e as graças.

[...] quando um homem encontra Jesus Cristo, essa é uma ocasião infável; quando, por causa de Jesus Cristo, ele começa a abandonar muitas coisas e até a preocupação de fazer de sua vida aquilo que desde o início pretendia; quando [...] sente-se invariavelmente atraído por esse Crucificado-Glorificado, [...] quando esse homem não consegue deixar de se lembrar de Jesus Cristo sem ter a impressão de colocar-se no lugar de um Judas ou de contradizer seu anelo mais vívido de alegria, então esse homem ouviu a chamada da santidade.¹⁵⁹

A Graça, como foi visto, é um auxílio divino gratuito. Na teologia católica ao longo do tempo, distinguiu-se multiformes modos de ação da mesma e única Graça de Deus. No Batismo é conferida a graça *habitual*, que funciona como o princípio vital sobrenatural, dela decorrem as virtudes *infusas* – fé, esperança e caridade – e os *dons do Espírito Santo*, que aperfeiçoam as faculdades humanas e permite a realização de atos bons segundo Deus. Por fim, temos as graças *atuais*, que iluminam o entendimento, fortalecem a vontade e ajudam a praticar os atos segundo Deus.¹⁶⁰ A Graça pode ser, ainda, *operante* – aquela que prepara a boa ação no

¹⁵⁶ SALVADOR, Federico Ruiz. **Compêndio de teologia espiritual**. Trad. Antivan G. Mendes. São Paulo: Loyola, 1996, p. 257.

¹⁵⁷ SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 74.

¹⁵⁸ TANQUEREY, Adolphe. **Compêndio de teologia ascética e mística**. Trad. Dalton César Zimmermann. Campinas: Ecclesiae, 2018, p. 84.

¹⁵⁹ BESNARD, A. M. citado por SALVADOR, 1996, p. 69.

¹⁶⁰ TANQUEREY, 2018, p. 92.

homem sem sua ajuda, ou *cooperante* – quando opera com a livre cooperação da liberdade humana.¹⁶¹

A graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa. Quando as pessoas se deixam atingir e transformar pela presença de Deus que sempre nos acompanha, todas as faculdades naturais alcançam pleno desenvolvimento e aperfeiçoamento.¹⁶²

Portanto, a vida da Graça, recebida como dom sobrenatural gratuito de Deus, não se opõe a vida natural do homem, mas a penetra inteiramente para transformá-la, incorporando tudo o que há de bom na natureza, na educação recebida e nos hábitos adquiridos.¹⁶³ Nesse sentido, a “graça de Cristo não entra em concorrência com nossa liberdade quando esta corresponde ao sentido da verdade e do bem que Deus colocou no coração do homem”.¹⁶⁴ Liberdade, aqui, compreendida não apenas no sentido raso daquela liberdade ferida pelo pecado – tudo dizer ou fazer –, mas na escolha dos bens de acordo com o fim último para o qual tendemos. É o Espírito Santo que educa cada fiel a essa autêntica e verdadeira liberdade, para que sejam verdadeiros cooperadores na obra de Deus.¹⁶⁵ Desse modo, tudo aquilo que o cristão faz é verdadeiramente humano, feito em liberdade, mas também porque auxiliado pela Graça, dom cujo fim é levar o homem ao projeto original, pois é Deus que opera nele o querer e o agir (Fl 2,13).

Por isso, também nós [...] no Cristo Jesus, não nos justificamos a nós mesmos por causa de nossa sabedoria, ou inteligência, ou piedade, ou ações que tenhamos feito pela santidade do coração, mas apenas pela fé, pela qual Deus onipotente a todos justificou desde o início. [...] Que faremos então, irmãos? Vamos deixar de lado as boas obras e largar a caridade? De jeito nenhum! Que o Senhor não o permita! Mas com zelo e alegre coragem apressemo-nos em realizar tudo o que é bom.¹⁶⁶

Neste processo de abertura constante à Graça, o cristão é impelido sempre pela Palavra que é útil “para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito” (2Tm 3,16-17). Igualmente deve sempre pedir e progredir na virtude da humildade, pois “Deus resiste aos soberbos, mas dá suas graças aos humildes” (Tg 4,6), assim como o Filho foi humilde (Fl 2,7). “Ao humilde, Deus protege e salva, ao humilde ama e

¹⁶¹ BARTMANN, 1962, p. 120.

¹⁶² ESPEJA, Jesús. **Espiritualidade cristã**. Trad. Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 139.

¹⁶³ TANQUEREY, 2018, p. 92

¹⁶⁴ CIgC 1742.

¹⁶⁵ CIgC 1742.

¹⁶⁶ CLEMENTE ROMANO. *In: LITURGIA DAS HORAS*, V. 3, 1999, p. 63.

consola, ao humilde ele se inclina, dá-lhe abundantes graças [...]. Ao humilde, revela seus segredos, e com doçura a si o atrai e convida”.¹⁶⁷ A humildade é própria daquele que se coloca como discípulo e seguidor, sabendo ter um Mestre à frente, Cristo, o qual disse que quem quisesse segui-lo deveria renunciar-se e tomar a cruz (Mt 16,24) e deixar tudo (Lc 14,33). Assim o fiel vai sendo transfigurado na imagem d’Ele pela ação do Espírito (2Cor 3,18). A Carta aos Efésios ensina que a Graça e os dons de Deus são dados para que o homem chegue ao estado do Homem Perfeito e a medida da estatura de Cristo (Ef 4,11-13).

No crente, Cristo se forma, pela fé, no homem interior, chamado à liberdade da graça, manso e humilde de coração, que não se envaidece pelos méritos de suas obras, que são nulas. Se ele começa a ter algum mérito, deve-o à própria graça. [...] Cristo é formado naquele que recebe a forma de Cristo. Recebe a forma de Cristo quem adere a Cristo com espiritual amor.¹⁶⁸

A Escritura já fala em imitar a Deus (Ef 5,1), não para replicar, e sim para aprender, como crianças, a fim de que o modo de viver de Cristo seja inculcado na vida do fiel, e também o Vaticano II afirma a necessidade da configuração.¹⁶⁹ Contudo, o caminho da assimilação com Cristo comporta uma constante luta, pois existem resistências. O Batismo apaga o pecado original, porém permanece a concupiscência, que instiga o homem ao combate espiritual.¹⁷⁰ Tal combate atinge a humanidade pessoal e coletivamente, exigindo que se lute sempre para aderir ao bem com seus esforços e com a ajuda da graça de Deus.¹⁷¹ A Primeira Carta de São João (1Jo 2,16) fala de uma luta contra três inimigos espirituais: a concupiscência da carne, dos olhos e a soberba da vida.¹⁷² Esta é a luta contra a carne, e a ela tradicionalmente se acrescenta ainda a luta contra o mundo, que não é o mundo enquanto criação ou as pessoas em si, e sim aqueles que se opõem a Jesus Cristo.¹⁷³ Por fim a luta contra o demônio, princípio e autor do pecado, renunciando às suas obras e seduções.¹⁷⁴

Então, quanto não devemos temer nós que, malgrado nossa regeneração espiritual, continuamos sujeitos à tríplice concupiscência? Sem dúvida há em nós tendências *nobres e generosas* que procedem do que existe de bom em nossa natureza e, principalmente, da nossa incorporação em Cristo e das forças sobrenaturais que nos são dadas em razão dos seus méritos. Todavia,

¹⁶⁷ TOMÁS DE KEMPIS. **Imitação de Cristo**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2013, p. 52.

¹⁶⁸ SANTO AGOSTINHO. *In: LITURGIA DAS HORAS*, V. 3, 1999, p. 163.

¹⁶⁹ LG 7.

¹⁷⁰ CIGC 405.

¹⁷¹ GS 37.

¹⁷² A c. da carne consiste no amor desordenado pelos prazeres dos sentidos; a c. dos olhos o amor desordenado pelos bens terrenos e a soberba da vida é orgulho e vaidade. TANQUEREY, 2018, p. 125-131.

¹⁷³ TANQUEREY, 2018, p. 131-137.

¹⁷⁴ RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS (RICA). São Paulo: Paulus, 2001, p. 98.273.

continuamos a ser *fracos e inconstantes* se não nos apoiarmos naquele que é nosso braço direito e que, ao mesmo tempo, é também nossa cabeça. O segredo da nossa força não repousa em nós, mas em Deus e em Jesus Cristo.¹⁷⁵

Na sua fragilidade o homem encontra sua força em Cristo, porém, nem humanamente está só na luta pela santidade. O Batismo incorpora a Cristo, formando, assim, o seu Corpo – a Igreja – um só corpo com muitos membros (1Cor 12,27), a grande comunhão dos santos, seja no Céu, na Terra ou no Purgatório, nos favores mútuos entre essas três dimensões da Igreja. Pois Deus não quis salvar e santificar singularmente cada ser humano, mas quis constituir para si um povo que O conhecesse e amasse, prefigurado em Israel e realizado na Igreja de Deus, novo Povo.¹⁷⁶ A Igreja é, portanto, um desejo do coração do Pai,¹⁷⁷ inaugurada como início e semente do Reino de Deus por Jesus Cristo,¹⁷⁸ santificada, habitada, adornada e conduzida pelo Espírito Santo.¹⁷⁹ Tendo reunido nela todos os eleitos em Cristo, quis a Trindade que ela fosse sacramento universal da salvação e da santidade, por isso a configuração a Cristo é um empenho pessoal, mas não individualista. É na Igreja, Corpo de Cristo e Povo de Deus, que por meio da Graça se alcança a santidade configurando-se a Cristo, pois toda atividade eclesial está destinada, primariamente, à glorificação de Deus e à santificação dos homens.¹⁸⁰

Enquanto membro da Igreja Peregrina neste mundo, o cristão recebe de Deus as graças de modos diversos segundo a Sua Providência, mas de modo mais eminente nos sacramentos instituídos por Cristo e confiados à Igreja.¹⁸¹ Os sacramentos alimentam, fortalecem e exprimem a fé e edificam o Corpo de Cristo.¹⁸² São sinais eficazes da Graça: eficazes porque é o próprio Cristo que age neles; da Graça porque comunicam a vida divina aos fiéis.¹⁸³ Santo Tomás ensina que os sacramentos são lembranças da Paixão de Cristo, ao mesmo passo que esse lembrar evidencia o que a Paixão produz na vida do fiel, ou seja, a Graça; igualmente prenunciam a glória futura, pois são garantia da herança eterna.¹⁸⁴ O fiel deve, assim, aproximar-se com disposição e preparação destas fontes da Graça, a fim de receber seus frutos e, recebendo a própria vida de Cristo neles, seja configurado, permanecendo no amor, unido a Cristo (Jo 15,4).

¹⁷⁵ TANQUEREY, 2018, p. 84.

¹⁷⁶ LG 9.

¹⁷⁷ LG 2.

¹⁷⁸ LG 3.

¹⁷⁹ LG 4.

¹⁸⁰ COLOM; LUÑO, 2022, p. 83-84.

¹⁸¹ CIgC 1131.

¹⁸² CIgC 1123.

¹⁸³ CIgC 1127.1131.

¹⁸⁴ CIgC 1130.

3.3 OS MESMOS SENTIMENTOS DE CRISTO: A CARIDADE CRISTÃ

São Paulo, convocando a Igreja de Filipos à unidade, deixou um legado: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus” (Fl 2,5), falando da humildade de Cristo e sua exaltação pela obediência. No entanto, o motor e o motivo da quênosis do Senhor Jesus não é outro senão o amor-caridade, que parte da decisão no seio da Trindade de fazer o ser humano participar na vida divina, salvando-o do pecado. A vida toda de Cristo é movida pelo amor: ao Pai, no cumprimento de sua benevolente vontade; e aos homens, pela sua entrega em vista da salvação. Por essa razão a configuração a Cristo não se dá fora da dinâmica do amor, mas partindo dos mandamentos do Senhor – amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (Mt 22,37-39) amar como Ele amou (Jo 13,34) e guardar os seus mandamentos no amor (Jo 14,15). Buscar a santidade no caminho configurativo supera em muito o simples cumprir um mandamento, pois dado que Deus amou aos homens por primeiro, o amor cristão é uma resposta ao dom divino que veio ao encontro do ser humano.¹⁸⁵

Por essa razão a caridade cristã no seguimento do Senhor vai além do afeto ou sentimento, visto que estes são efêmeros e brotam diante de uma situação, em sua maioria, agradável. O sentimento pode ser uma centelha inicial e necessária dentro de uma caminhada humana, mas não é a totalidade do amor.¹⁸⁶ O amor, conforme amadurece, evoca na pessoa as suas faculdades mais próprias, até atingir e transformar o ser humano em sua totalidade. Pode-se dizer, assim, que a totalidade do amor exige a totalidade da pessoa. A encíclica *Deus Caritas est*, de Bento XVI, explorou essa dimensão.

Tal encontro [com Deus], porém, chama em causa também a nossa vontade e o nosso intelecto. O reconhecimento do Deus vivo é um caminho para o amor, e o sim da nossa vontade à dele une intelecto, vontade e sentimento no ato globalizante do amor. Mas isso é um processo que permanece continuamente a caminho: o amor nunca está “concluído” e completado; transforma-se ao longo da vida, amadurece, e por isso mesmo permanece fiel a si próprio. *Idem vele atque idem nolle* – querer a mesma coisa e rejeitar a mesma coisa é, segundo os antigos, o autêntico conteúdo do amor: um tornar-se semelhante ao outro que leva à união do querer e do pensar.¹⁸⁷

Entre Deus e os homens vai se dando assim: a comunhão das vontades cresce em comunhão de pensamento e sentimento; a vontade de Deus deixa de ser algo externo e desconhecido para se tornar valor dentro de si. Nesse sentido, a configuração do fiel a Cristo

¹⁸⁵ DCE 1.

¹⁸⁶ DCE 17.

¹⁸⁷ DCE 17.

vai chegando a um ponto no qual o encontro íntimo com o Senhor se torna comunhão de vontades, de intelectos e de sentimentos, e amar o irmão mais desagradável não é mais um peso. O outro é alcançado de forma exterior, em âmbito sócio-político, mas sobretudo no seu aspecto interior: olhar com os olhos de Cristo, e reconhecer no próximo a imagem divina e a sua necessidade de amor para recuperar sua semelhança enquanto Filho de Deus. Se falta totalmente o contato com Deus o outro é apenas *um* qualquer e se se negligencia a atenção ao próximo, importando-se apenas com uma vida piedosa diante de Deus, a própria relação com o Senhor definha.¹⁸⁸

A maturidade e totalidade do amor exigem a sua dupla dimensão expressa nos mandamentos, que é o caminho de cada cristão e é causa do juízo (Mt 25,31-46), pois no “entardecer de nossas vidas, seremos julgados sobre o amor”.¹⁸⁹ Contudo, tudo isso passa, em primeiro lugar, pela acolhida do dom de Deus na existência, dom que faz do cristão um filho no Filho, acolhida do amor de Deus que sempre se adianta aos homens, vindo ao encontro, à intimidade.

A vocação é um dom e, principalmente amor. O amor que Deus teve e tem por cada um dos cristãos [...] é o chamamento mais eficaz e real à santidade. Ele brota das categorias de obrigação e dever e, por mais voltas que dê, o homem não tem mais do que uma resposta: amar e servir com todo coração e toda existência [...].¹⁹⁰

Esses dom e encontro não devem ser, para o fiel, algo no passado, mas um evento sempre presente, maximamente pela graça da oração cristã, seja ela pessoal ou comunitária. A oração é fruto desse dom primordial divino – a filiação, pois por ela se recebe o Espírito que clama dentro de cada fiel, como ensina São Cipriano de Cartago: “O homem novo, renascido e, por graça, restituído a seu Deus, diz, em primeiro lugar, *Pai!*, porque já começou a ser filho”.¹⁹¹ Por isso a oração por excelência sempre será aquela ensinada por Jesus, o Pai Nosso, na qual se pede inclusive a conformação à vontade de Deus.

A oração verdadeiramente cristã precisa ser acolhida, assim, também como um dom, pois é o Espírito Santo que vem em auxílio da fraqueza humana, pois ela não sabe o que pedir como convém, então ele ora (Rm 8,26-27), é ele que clama *Abba, Pai!* (Gl 4,6-7) e que reconhece o senhorio de Jesus (1Cor 12,3). Não só o senhorio, mas a mediação única de Cristo e o fato de o cristão ser filho no Filho, pois recebeu o Espírito de Cristo e foi incorporado a Ele,

¹⁸⁸ DCE 17-18.

¹⁸⁹ SÃO JOÃO DA CRUZ. *In*: ClgC 1022.

¹⁹⁰ SALVADOR, 1996, p. 257.

¹⁹¹ SÃO CIPRIANO DE CARTAGO. *In*: LITURGIA DAS HORAS, V. 3, 1999, p. 321.

que é o ponto de união entre Deus e os homens. Tal incorporação se dá também na Igreja, visto que esta é Corpo de Cristo, por isso toda oração cristã é “na Igreja, para a Igreja e como Igreja”,¹⁹² e assim o cristão nunca está sozinho, e sim na grande comunhão eclesial. Estabelece-se, assim, uma relação na grande família de Deus, à qual o cristão deve empenhar-se num compromisso total de abertura, tendo diante de si a recomendação do apóstolo: “orai sem cessar” (1Ts 5,17).

A oração nada mais é do que a união com Deus. [...] Nós nos havíamos tornados indignos de rezar. Deus, porém, na sua bondade, permitiu-nos falar com ele. Nossa oração é o incenso que mais lhe agrada. Meus filhinhos, o vosso coração é por demais pequeno, mas a oração o dilata e torna capaz de amar a Deus.¹⁹³

Na dinâmica do amor e da oração a configuração a Cristo vai sendo concretizada. Dois inimigos da integralidade da santidade configuradora a Cristo precisam da atenção, pois levam ao mundanismo espiritual, como recorda o Papa Francisco. O primeiro é um neognosticismo que, em suma, se trata de uma fé subjetivista fechada, na qual interessa uma série de raciocínios e conhecimentos que, supostamente, iluminam, confortam, mas que deixam a pessoa enclausurada na imanência de sua razão ou sentimento próprios.¹⁹⁴ A perfeição cristã é buscada como acúmulo de conhecimentos, uma atitude arrogante e de posse diante da Revelação divina. O neognosticismo desencarna o mistério do Verbo Encarnado e não consegue tocar Cristo no mistério do irmão, querendo, assim, domesticar o mistério dentro dos limites da razão fechada.¹⁹⁵

O segundo inimigo elencado pelo Pontífice é o neopelagianismo, a tentação de reduzir o esforço pela santidade cristã confiando em suas próprias forças e sentindo-se superior aos demais pelo motivo de cumprir determinadas normas.¹⁹⁶ Para essa corrente, tudo é possível pela vontade humana como se ela fosse algo puro, perfeito, onipotente, a que se acrescenta a Graça. Não reconhece os próprios limites nem os dos demais, ignorando que as fragilidades humanas não são curadas de uma vez só pela Graça. Com tal vontade forte, não sobra espaço para a Graça provocar aquele bem possível que se integra em um caminho real de crescimento. Por supor a natureza, a Graça não faz, improvisadamente, super-homens. A Graça é, assim, na

¹⁹² SALVADOR, 1996, p. 293.

¹⁹³ SÃO JOÃO MARIA VIANNEY. *In*: LITURGIA DAS HORAS, V. 3, 1999, p. 1469.

¹⁹⁴ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii gaudium (Alegria do Evangelho)*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013, p. 58-59; EG 94. [Documentos Pontifícios].

¹⁹⁵ GeE 37-42.

¹⁹⁶ EG 94.

prática, esquecida, e desta forma, não reconhecendo a limitação, a consequência é a pessoa não enxergar os passos reais e possíveis que o Senhor propõe a serem alcançados.¹⁹⁷

Compreende-se que a santificação como comunhão e configuração é uma via de mão dupla: de um lado é dom de Deus, é graça, e por outro lado é tarefa verdadeiramente humana. A distinção entre dom e tarefa não é feita para tirar a obra da santificação humana das mãos da Graça. Tal obra pertence ao Espírito Santo, que se insere na esfera do temporal e do relativo, e adapta sua onipotência e eficácia à gradualidade do homem, desde o Batismo.¹⁹⁸

A partir desse núcleo essencial, tomado inicialmente como posse, Deus vai reformando com toques suaves e golpes severos todo o organismo do homem pecador. Ele começa pelas zonas mais próximas do centro, sem descuidar de nenhuma potência ou atividade: sentimento, vontade, pensamento, critérios.¹⁹⁹

Como tarefa verdadeiramente humana, o fiel empenha-se pela caridade através das boas obras, da observância dos mandamentos e da penitência, tornando-se mais justo na mesma justiça recebida na Graça batismal.²⁰⁰ Diz o Apocalipse de São João: “que o justo pratique ainda a justiça e que o santo continue a santificar-se” (Ap 22,11). Trata-se da livre cooperação do fiel, que é fruto do ter sido justificado em Cristo pelo Espírito, por isso o homem é justificado não apenas simplesmente pela fé, mas também pelas obras (Tg 3,24). A justificação estabelece a colaboração entre Graça e liberdade, fazendo com que o fiel assinta à Palavra que convida à conversão e coopere na caridade.²⁰¹ Por essa razão os méritos do cristão não são nunca seus em primeiro lugar, pois provém do fato da gratuidade de Deus que associa o ser humano à obra de sua Graça. Em primeiro lugar está a ação paternal divina – na origem da conversão, do perdão e da justificação, em segundo, a colaboração do livre agir humano.²⁰²

Por isso, à Graça e ao amor de Deus são devidos os méritos primeiramente, e depois àqueles que foram justificados. Porém, porque adotados como filhos no Filho, são concedidos aos fiéis dons como verdadeiros méritos. Sob a moção do Espírito e do amor divino, o cristão pode obter a si e aos outros graças úteis à santificação, cujo fim é o crescimento da Graça e da caridade e a vida eterna, bem como bens temporais, como a saúde.²⁰³ A graça para as ações meritórias são alcançadas pela oração que, por sua vez, têm como objeto alcançar aquelas

¹⁹⁷ GeE 49-50.

¹⁹⁸ SALVADOR, 1996, p. 445.

¹⁹⁹ SALVADOR, 1996, p. 445.

²⁰⁰ DH 1535.

²⁰¹ CIgC 1993.

²⁰² CIgC 2008.

²⁰³ CIgC 2010.

graças temporais ou para a santidade supracitadas. Nessa dinâmica se pode compreender a intercessão dos santos e anjos e da Virgem, bem como as orações da Igreja pelos fiéis defuntos e a oração entre os cristãos peregrinantes neste mundo. No entanto, há de se ter a firme convicção de que é a caridade de Cristo a fonte de todos os méritos. É a configuração e união com Ele através da Graça a garantia da qualidade sobrenatural da livre cooperação do cristão e, por conseguinte, dos méritos diante de Deus.²⁰⁴

“[...] meu mérito é a misericórdia do Senhor. Nunca me faltam méritos enquanto não lhe faltar a comiseração se forem numerosas as misericórdias do Senhor, eu muitos méritos terei. Que acontecerá se me torno bem consciente dos meus muitos pecados? *Onde abundou o delito, superabundou a graça. E se as misericórdias de Deus são de sempre e para sempre, também eu cantarei eternamente as misericórdias do Senhor.*”²⁰⁵

O caminho da santidade exige também a transformação da dimensão ético-moral mediante o agir bom, e mesmo excelente,²⁰⁶ sempre seguindo os passos de Jesus Cristo, homem perfeito, na caridade. Se em seu íntimo o fiel é da família de Deus e se seu fim último é a comunhão escatológica com Deus, decorre que a ação moral vivida na dinâmica do amor, da vivência dos mandamentos e a busca das virtudes é própria do cristão, pois o agir segue o ser. Pois quis Deus também que os seres espirituais, como a criatura humana, alcançassem a sua plenitude não passivamente, mas como partícipes de sua obra.²⁰⁷ Por isso a configuração traz consigo a exigência da busca incansável pelo bem e pela retidão moral, desde o coração, que é o centro existencial da pessoa, de onde brotam as decisões pelo bem ou pelo mal (Mt 15,19).

O comum a todos é que “*a santidade cristã consiste em seguir e imitar a Cristo, configurar-se cada vez mais a Ele, até chegar à plenitude da caridade*, que é a essência da perfeição cristã”.²⁰⁸ Santidade é sempre excelência, por isso a busca das virtudes não é simplesmente a luta contra ações pecaminosas a elas opostas, mas a máxima expressão da vida humana, tornada divina, pela generosidade e caridade que é a plenitude da Lei (Rm 13,10) e, portanto, da conduta moral. Se nesse processo e no combate da conversão, por acaso, o fiel se perde e cai no pecado, não precisa ficar preso a ele, pois de muitos modos o Senhor vem em seu auxílio para reconduzi-lo. Daí procede o convite à constante penitência cristã, maximamente pelos exercícios do jejum, esmola e oração, que exprimem a conversão em

²⁰⁴ CIgC 2011.

²⁰⁵ SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. *In*: LITURGIA DAS HORAS, V. 3, 1999, p. 107-108.

²⁰⁶ COLOM; LUÑO, 2022, p. 86.

²⁰⁷ COLOM; LUÑO, 2022, p. 87-88.

²⁰⁸ COLOM; LUÑO, 2022, p. 89.

relação a si, a Deus e ao próximo.²⁰⁹ A caridade, sobretudo, pois cobre uma multidão de pecados (1Pd 4,8). Se peca gravemente e rompe a comunhão com Deus e com a Igreja, o fiel pode recorrer ao sacramento da Penitência, que recobra a Graça da justificação e a caridade e é como uma segunda tábua de salvação após a perda da Graça.²¹⁰

Por fim, não se poderia refletir sobre a caridade cristã no caminho de configuração a Cristo na dinâmica da Graça sem falar sobre o sacramento da Eucaristia, que é o vínculo da caridade. Na Eucaristia vive-se a comunhão de vida e amor com Deus e a unidade do Povo por ele redimido, estando nela o ápice da ação pela qual o Senhor santifica o mundo e da ação de culto prestada a Ele pelos homens.²¹¹ Nesse sacramento vê-se a Graça que toma o trabalho da ação do homem e o transforma pela Palavra e no Espírito, na própria presença de Deus entre os homens. O amor de Cristo, manifestado maximamente em seu Mistério Pascal, se torna perene no sacrifício eucarístico, que torna a comunhão entre Deus e a humanidade uma realidade presente, apontando para o futuro, pois é Graça que é penhor da glória futura. Toda vez que a Igreja o celebra, opera-se a obra da redenção e parte o pão que é remédio de imortalidade.²¹² Por isso, não há maior fonte de caridade do que o banquete pascal, pois o fiel recebe o próprio Cristo, e torna-se verdadeiramente um *ipse Christus*: celebrar a Eucaristia é, por excelência, deixar-se ser configurado, e não há configuração sem Eucaristia.

3.4 CONFIGURAR-SE A CRISTO NA VOCAÇÃO ESPECÍFICA: APONTAMENTOS

Como foi explanado no início desse capítulo, todos os batizados em Cristo são chamados à santidade, configurando-se a Ele pela Graça e pela ação do Espírito Santo. A Conferência de Aparecida (2007) afirma que o Pai presenteia seus filhos adotivos com o Espírito que os identifica a Jesus Cristo. Primeiro, a Jesus-Caminho, abrindo-os ao mistério salvífico, à adoção filial e à fraternidade dos filhos de Deus; depois a Jesus-Verdade, ensinando-os a renunciar as mentiras e ambições pessoais; por fim, a Jesus-Vida, para abraçarem seu plano de amor e para entregarem-se a fim de que outros tenham vida em Cristo.²¹³ Recorda ainda que, esse caminho passa por assumir verdadeiramente o mandamento do amor, por viver as bem-aventuranças do Reino e o estilo de vida de Jesus em sua obediência ao Pai, compaixão à dor

²⁰⁹ CIgC 1434.

²¹⁰ CIgC 1446.

²¹¹ CIgC 1325.

²¹² CIgC 1405.

²¹³ DAp 137.

humana e proximidade com os menos favorecidos, até compartilhar seu destino, carregando a cruz cotidiana.²¹⁴

É um chamado de todos, sim, mas cada cristão deve avançar segundo os próprios dons pelo caminho da fé viva que excita a esperança e age na caridade,²¹⁵ pelo fato de terem sido batizados e enviados apóstolos de Cristo pela Confirmação. A santidade tem a ver, no fundo, com vida, e esta é pessoal – uma obra do Espírito em cada um, o realismo do testemunho cristão encarnado na concretude, graças particulares derramadas a cada pessoa, nas suas circunstância e missão.²¹⁶ Por esse motivo o papa Francisco afirma brilhantemente que “Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, em um momento determinado da história, um aspecto do Evangelho”.²¹⁷ Tudo isso porque a santidade consiste em viver em união com Cristo, associando-se de maneira única e irrepitível, e por isso pessoal, à morte e ressurreição do Senhor. Também pode ser o envolvimento numa espécie de reprodução de diferentes aspectos da vida de Cristo: a vida oculta ou comunitária, a proximidade com os últimos, a pobreza, e assim por diante.²¹⁸

O desígnio do Pai é Cristo, e nós nele. Em última análise, é Cristo que ama em nós, porque a santidade “não é mais do que a caridade plenamente vivida”. Por conseguinte, “a medida da santidade é dada pela estatura que Cristo alcança em nós, desde quando, com a força do Espírito Santo, modelamos toda a nossa vida sobre a sua”. Assim, cada santo é uma mensagem que o Espírito Santo extrai da riqueza de Jesus Cristo e dá ao seu povo.²¹⁹

Diante disso e dos apontamentos feitos no início desse capítulo, compreende-se que cada cristão deve buscar a santidade em sua vida pessoal de filho de Deus e de acordo com suas circunstâncias, ou seja, com sua vocação específica. Tal vocação não é senão o melhor caminho que a Providência escolheu para que a comunhão e a configuração aconteçam na vida de cada um. Não à toa o Vaticano II e a Conferência de Aparecida buscaram refletir sobre os diversos estados de vida que os cristãos podem abraçar no mundo, conforme os apontamentos a seguir. O Concílio aponta a mesma dignidade batismal de todos como ponto de partida para depois validar a distinção, querida por Deus, entre uns serem pastores e outros serem apóstolos leigos. Aparecida trabalha com a dimensão de que todos são discípulos missionários, cada qual de acordo com seu estado.

²¹⁴ DAp 138-140.

²¹⁵ LG 41.

²¹⁶ SALVADOR, 1996, p. 258.

²¹⁷ GeE 19.

²¹⁸ GeE 20.

²¹⁹ GeE 21.

Em primeiro lugar, o sacramento da Ordem é um sacramento do serviço e da comunhão e, portanto, a graça *de estado* dele decorrida é sobretudo para estas duas realidades. Os bispos, como sucessores dos Apóstolos, são chamados a santificarem os fiéis na Verdade, santificando-se em seu ministério.²²⁰ Dotados da graça sacramental oram, pregam e oferecem sacrifícios, através de toda forma de serviço episcopal, e exercem o múnus da caridade pastoral, chegando a expor sua vida para defender as ovelhas, sendo este um elevado meio de santificação.²²¹ Aparecida, por sua vez, conclama os bispos a promoverem a fé e a santidade dos fiéis como pais que são, bem como a fazerem da Igreja uma casa e escola de comunhão, acolhendo, discernindo e animando os diversos carismas e ministérios. Para tanto, os bispos devem unir-se constantemente a Cristo, configurando-se ao Sumo e Eterno Sacerdote, e a realizar a comunhão no Colégio Episcopal e com o Romano Pontífice, visto que eles próprios são princípio e construtores da unidade do seu povo.²²²

Aos presbíteros, pelo segundo grau do sacramento colaboradores da ordem episcopal e configurados a Cristo cabeça e sacerdote, o Concílio também fez seus apontamentos. Primeiramente ensina como meio de santificação o cotidiano exercício de seu ofício no amor a Deus e ao próximo, conservando o vínculo da comunhão sacerdotal, a fim de transbordar em bens espirituais e serem testemunhos vivos de Deus.²²³ De modo eminente os presbíteros se santificam oferecendo o sacrifício Eucarístico, unindo o seu sacrifício como hóstias vivas e o sacrifício dos fiéis ao de Cristo, esperando a Vinda do Senhor, até que a humanidade toda seja redimida.²²⁴ Os bispos latino-americanos afirmam que a configuração do presbítero a Cristo passa pela imitação do Bom Pastor, sendo homem de misericórdia e compaixão, próximo ao povo e servidor de todos, reconhecedor de seus limites. Recordam eles também que o povo de Deus espera presbíteros discípulos, que tenham feito uma profunda experiência de Jesus, dóceis ao Espírito, nutridos pela Palavra, pela Eucaristia e pela oração, homens de comunhão.²²⁵

Ainda inseridos no sacramento da Ordem, os diáconos permanentes, homens da família e do culto simultaneamente, a Conferência de Aparecida convida a se configurarem a Jesus Servidor, no serviço da Palavra, da caridade e da liturgia, particularmente nos lugares nos

²²⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto (*Christus Dominus*). In: VIER, Frederico (Org.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 404; CD 1-2.

²²¹ LG 41.

²²² DAp 186-189.

²²³ LG 41.

²²⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto (*Presbyterorum Ordinis*). In: VIER, Frederico (Org.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 442; PO 2.

²²⁵ DAp 198-199.

quais a evangelização mais exige.²²⁶ O Vaticano II convoca-os a servir os mistérios de Cristo e da Igreja e providenciar todo bem aos homens.²²⁷ O diaconato permanente é, justamente, um ponto de intersecção entre as graças de estado derramadas pela Ordem e pelo Matrimônio, que também é sacramento de comunhão e serviço. Sobre este último sacramento, além disso, os padres conciliares apontaram o caminho da configuração pela fidelidade no amor, pela ajuda mútua em conservar a Graça por toda a vida e pela educação da prole com a doutrina cristã e as virtudes evangélicas, conformando seu amor àquele existente entre Cristo e a Igreja.²²⁸ Os bispos latino-americanos, de outra parte, ensinam que a referida educação é, em primeiro lugar, ao discipulado missionário e ao amor como dom de si mesmo, já pelo testemunho dos pais.²²⁹

O Documento de Aparecida fala ainda da configuração dos leigos a Jesus Cristo Luz do mundo.²³⁰ A *Lumen Gentium* do Vaticano II vai dizer que, se pelo Batismo, participam no tríplice múnus de Cristo sacerdote, profeta e rei, participam eles também na missão salvífica da Igreja, pois enviados pelo Senhor pelo sacramento da Confirmação. No entanto, aos leigos propõe que são chamados a presentificar a Igreja e torná-la operosa nos lugares e circunstâncias nos quais apenas através deles ela pode chegar, ou seja, as mais diversas realidades da sociedade.²³¹ Esse dado é particularmente importante em uma sociedade cada vez mais secularizada, como é a sociedade Ocidental. Entre as mais diversas realidades destacam-se a política, a economia, as artes, a cultura, a ciência e as mídias sociais.²³² Os padres conciliares recordaram igualmente dos que vivem a viuvez e a solteirice, os trabalhadores, bem como os pobres, sofredores, fracos, doentes e atribulados, perseguidos – que se configuram ao Senhor no sofrimento, e assim todos os cristãos.²³³

Por fim, os apontamentos chegam à vocação daqueles que, consagrados já pelo Batismo, mas buscando colher mais eficazmente os frutos da Graça batismal, professam os conselhos evangélicos da pobreza, obediência e castidade.²³⁴ Estes são os consagrados à vida religiosa, seja ela solitária ou comunitária, que constituem verdadeiros ramos frondosos na Igreja, gerando muitos frutos na messe do Senhor.²³⁵ Os religiosos e consagrados testemunham

²²⁶ DAp 205.

²²⁷ LG 41.

²²⁸ LG 41.

²²⁹ DAp 303.

²³⁰ DAp 209.

²³¹ LG 31.33.

²³² DAp 210.

²³³ LG 41.

²³⁴ LG 44.

²³⁵ LG 44.

a vida que o Filho de Deus, pobre, casto e obediente manifestam a presença dos bens celestes.²³⁶ Aparecida convoca estes consagrados a fazerem dos seus lugares de presença, de sua vida em comunhão e de suas obras lugares de anúncio do Evangelho, principalmente os mais pobres. Assim configuram-se a Jesus Cristo, testemunha do Pai, chamados a ser especialistas em comunhão na Igreja e no mundo.²³⁷

Por essa razão e, contemplando a nuvem de testemunhas (Hb 12,1) que a história nos oferece, isto é, os santos, compreende-se que “todo santo é homem antes de ser santo, e um santo pode ser feito a partir de todo tipo de homem”.²³⁸ Além disso, os santos ensinam também que santidade não combina com fechamento e egoísmo pois são, justamente, o oposto da caridade. Por isso o papa Francisco tem insistido na saída da comodidade e no ir ao encontro das periferias que precisam da luz do Evangelho, porque a mensagem da salvação que é comunhão e configuração precisa ser comunicada a todos.²³⁹ O pontífice insiste na tendência que tem o bem em se comunicar, se expandir, e que quem vive a experiência da libertação em Cristo adquire maior sensibilidade face à necessidade dos outros, porque impelido pela caridade de Cristo (2Cor 5,14). Por isso, o configurar-se passa ir ao encontro do outro e do mundo, buscando o bem, doando-se, porque a vida verdadeira se alcança e se amadurece à medida que é entregue aos demais por amor de Cristo.²⁴⁰

Percebe-se, assim, que “O encontro da graça não nos separa do mundo. Pelo contrário, introduz-nos no coração da humanidade e da criação. Torna-nos sensíveis às lacunas e nos dá força para resolver os problemas”.²⁴¹ Tal encontro impele o cristão a transformar o mundo, pois a criação inteira está intimamente ligada ao gênero humano, e também ela será restaurada em Cristo.²⁴² Desta maneira, a Graça recebida e operada na fidelidade e na caridade será transformada em glória, que é o próprio Deus, objetivo de todos que buscam configurar-se a Cristo, carregando sua cruz no estado de vida que mais aprouve a Deus santificá-los, pois os fiéis permanecerão junto dele no amor (Sb 3,9). Depois do Verbo feito homem, a Virgem Maria é o exemplo mais perfeito dos seguidores de Cristo porque já é toda configurada ao seu Filho, sendo modelo excelente de fé e caridade e de entrega total ao desígnio do Pai, aquela que

²³⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto (*Perfectae Caritatis*). In: VIER, Frederico (Org.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 488; PC1.

²³⁷ DAp 217-218.

²³⁸ CHESTERTON, Gilbert Keith. **Santo Tomás de Aquino**. Trad. Antônio Emílio Anqueth de Araújo. 3 ed. Campinas: Ecclesiae, 2015, p. 20.

²³⁹ EG 18

²⁴⁰ EG 9-10.

²⁴¹ ESPEJA, p. 139.

²⁴² LG 48.

coopera na caridade e na intercessão, sendo Mãe e membro da Igreja.²⁴³ Com suas preces e seu exemplo, os fiéis poderão alcançar a plenitude de sua filiação, até que Cristo seja tudo em todos (1Cor 15,28).

²⁴³ LG 141.

CONCLUSÃO

O atual Trabalho de Conclusão de Curso, construído pelo método de pesquisa bibliográfico, teve como intuito apresentar a obra da santificação pela Graça divina como processo de comunhão e configuração com Cristo. Para tanto, foi desenvolvido em um *crescendum*, partindo do projeto de Deus para o ser humano nas origens, passando pelo pecado, pela obra da redenção e pelo modo através do qual tal obra alcança a pessoa na concretude. Ademais, Deus não apenas redime, mas quer santificar aquele que foi criado à sua imagem e semelhança, vindo ao encontro dele com sua Graça que restaura e eleva, cooperada pela liberdade humana.

Num primeiro momento foi mostrado como o ser humano foi criado para a comunhão com Deus, segundo o desígnio do próprio Criador, feito imagem e semelhança. Ao criá-lo, o Senhor o estabeleceu em um estado de amizade consigo, que é chamado também de santidade original, no qual as relações estavam em ordem entre o ser humano e seu Criador, bem como entre a espécie humana e com as demais criaturas. Foi visto também que o pecado quebrara esta ordem e harmonia das origens, levando o ser humano a um estado de natureza decaída, fragilizada, embora não corrompendo completamente sua constituição. Não somente a harmonia em si é perdida, mas também com o restante da criação e, sobretudo, a relação com Deus está comprometida, pois o homem quis tomar para si com suas próprias forças o que o Senhor queria lhe dar como dom: a vida divina. Porém, o Criador não permitiu tamanho mal sem que pudesse tirar dele um bem maior. Assim, o pecado pôde ser visto como uma feliz culpa que mereceu um tão grande redentor: Deus não abandonou sua criatura, mas foi em resgate dela.

Com isso, passa-se ao segundo momento, no qual foi conceituado o Batismo como porta da Graça de Deus na vida do fiel. O Batismo, contudo, precisa ser fundamentado na realidade do Mistério Pascal de Cristo. Conforme havia sido prometido aos profetas, seria enviado ao mundo um Messias Salvador e, na plenitude dos tempos, o Verbo eterno do Pai, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, encarnou-se pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e se fez homem. Vivendo em tudo a condição humana, exceto o pecado, o Filho de Deus cumpriu sua missão em obediência total à vontade do Pai, padecendo e morrendo na Cruz pelos pecados, ressuscitando, porém, no terceiro dia. Desse modo, cumpre a justiça e obtém a salvação do gênero humano, feito Povo de Deus; tal salvação, no entanto, é comunicada individualmente a cada pessoa humana através do Batismo, por cuja Graça se eleva a natureza humana e se dá o início da obra da santificação e a vida divina.

Pelo Batismo, o fiel é incorporado a Cristo e à Igreja, feito herdeiro do céu na esperança; já tendo sido salvo, deve cooperar com a Graça para que a salvação açambarque todo seu ser, pois Deus que criou o homem sem sua ajuda, não quer salvá-lo sem sua cooperação. Diante disso é que o terceiro capítulo desse Trabalho procurou expor a santificação como processo de configuração com Cristo. Em primeiro lugar, fez recordar o que disse a Igreja no seu Magistério e nos seus santos sobre a vocação de todos os homens à santidade, para dissipar qualquer dúvida de que ela seja um privilégio de poucos. Depois buscou os fundamentos da vida de santidade, de modo especial a oração e os sacramentos, bem como a caridade, o motor de toda caminhada cristã. Por fim, o texto apresentou alguns apontamentos magisteriais, sobretudo, para que cada estado de vida específico busque a santidade no seu contexto.

Pelo que foi apresentado, considerou-se atingido o objetivo proposto na apresentação desse Trabalho, de apresentar a obra da santificação pela Graça divina como processo de comunhão e configuração com Cristo. De fato, os levantamentos feitos a partir das Escrituras, dos teólogos e santos e dos documentos eclesiais foram suficientes para apreender o projeto de Deus para cada homem. Desse modo, conclui-se que esse Trabalho procurou apresentar de modo profundo e equilibrado o caminho da santidade, enraizado no ensinamento católico e acessível ao entendimento de todos quantos busquem as raízes do caminho de santidade. Seguindo o seu trajeto é possível perceber que vai além dos reducionismos que, ontem e hoje, ameaçam a busca por uma vida santa, seja porque valoriza a vida no Espírito, a Graça ou a caridade vivida pelo homem livre que coopera com Deus.

Pode-se, talvez, questionar o aspecto ecumênico desse Trabalho de Conclusão de Curso, visto que ele é dirigido particularmente aos católicos. Contudo, o objetivo primeiro desse Trabalho é exatamente os católicos dos tempos atuais, não por desvalorizar o diálogo ecumênico, mas porque é preciso que os fiéis da Igreja tenham firme a sua identidade antes de dialogar. Justamente aí que a pesquisa encontra sua abertura e o convite para futuras pesquisas acerca do tema da santidade nas diferentes tradições cristãs, do testemunho de vida cristã até ao martírio, como se tem visto, entre outras. Indo além, pode-se fazer frutuosas pesquisas igualmente no campo do diálogo inter-religioso acerca de como as *semina Verbi* e os desejos universais do homem pelo bem e pela felicidade podem encaminhar qualquer pessoa humana à plenitude pelos caminhos que só o Senhor converte. Como se propôs, não foi uma pesquisa esgotante, nem haveria como sê-la, por isso a todos aqueles de boa vontade e que buscam responder às questões mais elementares da vida humana, esse Trabalho acredita que a Graça lhes pode conduzir à plenitude da vida humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTMANN, Bernardo. **Teologia Dogmática**: a redenção, a graça, a Igreja. V. 2. Trad. Vicente Pedroso. São Paulo: Edições Paulinas, 1962.

BENTO XVI. **Carta encíclica “Deus caritas est”**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **Oração e santidade**: catequeses ao Povo de Deus. São Paulo: Molokai, 2018.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO da Igreja Católica. 19 ed. São Paulo: Loyola, 2017.

CHESTERTON, Gilbert Keith. **Santo Tomás de Aquino**. Trad. Antônio Emílio Anqueth de Araújo. 3 ed. Campinas: Ecclesiae, 2015.

COLOM, Enrique; LUÑO, Ángel Rodríguez. **Escolhidos em Cristo para ser santos**: curso de teologia moral. 3 ed. São Paulo: Quadrante, 2022.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática (*Dei Verbum*). In: VIER, Frederico (Org.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 123.

_____. Constituição Dogmática (*Lumen Gentium*). In: VIER, Frederico (Org.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. Constituição Pastoral (*Gaudium et Spes*). In: VIER, Frederico (Org.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. Decreto (*Christus Dominus*). In: VIER, Frederico (Org.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. Decreto (*Presbyterorum Ordinis*). In: VIER, Frederico (Org.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. Decreto (*Perfectae Caritatis*). In: VIER, Frederico (Org.). **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

COSTA, França. **Jesus Cristo o único salvador**: cristologia-soteriologia. 2 ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2020.

CUTTAZ, F. **Filiação divina**: preciosos efeitos do batismo. Trad. Cecília Britto Pereira. São Paulo: Edições Paulinas, 1962.

DE LA PEÑA, Juan Luiz Ruiz. **Teologia da criação**. Trad. José Ceschin. São Paulo: Loyola, 1989.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

DOCUMENTO DE APARECIDA: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 2 ed. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2007.

ESPEJA, Jesús. **Espiritualidade cristã.** Trad. Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii gaudium (Alegria do Evangelho):** sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013. [Documentos Pontifícios].

_____. **Exortação apostólica Gaudete et Exultate.** São Paulo: Paulinas, 2018.

_____. **Laudato Si:** sobre o cuidado da casa comum. 3 ed. Brasília: CNBB, 2020.

FRÖHLICH, Roland. **Curso básico de história da Igreja.** Trad. Alberto Antoniazzi. São Paulo: Paulus, 1987.

GOEDERT, Valter Maurício. **Teologia do batismo:** considerações teológico-pastorais sobre o batismo. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **As cartas de são Paulo aos Filipenses, aos Colossenses e a Filêmon.** Trad. Lucas Cardoso. Campinas: Ecclesiae, 2018. [Coleção Cadernos de Estudo Bíblico].

LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.). **Vocabulário de Teologia Bíblica.** Trad. Simão Voigt. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LITURGIA DAS HORAS. V. 1. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999.

_____. V. 2. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999.

_____. V. 3. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999.

_____. V. 4. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas; Paulus; Ave Maria, 1999.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática católica:** teoria e prática da teologia. Trad. Volney Berkenbrock, Vilmar Schneider, Paulo Ferreira Valério. Petrópolis: Vozes, 2015.

OÑATIBIA, Ignacio. **Batismo e confirmação:** sacramentos de iniciação. Trad. José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2007.

PADRES APOSTÓLICOS. Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; **Carta a Barnabé;** Papias; Didaqué. Trad. Ivo Storniolo e Eulcides Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. [Coleção Patrística].

PIO XI. **Carta encíclica Omnium rerum perturbationem**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/it/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_26011923_rerum-omnium-perturbationem.html. Acesso em: 22/04/2024.

RATZINGER, Joseph. **A filha de Sião**: a devoção mariana na Igreja. Trad. Ney Vasconcelos. São Paulo: Paulus, 2013, p. 17. [pdf].

_____. **Jesus de Nazaré**: da entrada em Jerusalém até a ressurreição. Trad. Bruno Bastos Lins. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2016.

_____. **Ser cristão na era neopagã**. Vol. 1. Campinas: Ecclesiae, 2014.

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS (RICA). São Paulo: Paulus, 2001.

SALVADOR, Federico Ruiz. **Compêndio de teologia espiritual**. Trad. Antivan G. Mendes. São Paulo: Loyola, 1996.

SANTO AGOSTINHO. **A graça (I)**. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1998. [Coleção Patrística].

_____. **A Trindade**. Trad. Augustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995. [Coleção Patrística].

_____. **Comentário ao Gênesis**. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo, Paulus, 2005. [Coleção Patrística].

_____. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997. [Coleção patrística].

SANTO ATANÁSIO. **Contra os pagãos; A encarnação do Verbo; Apologia ao imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de Santo Antão**. 2 ed. Trad. Orlando Tiago Loja Rodrigues Mendes. São Paulo: Paulus, 2010. [Coleção Patrística].

SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Catena áurea**: exposição contínua sobre os evangelhos. V. 1 (São Mateus). Campinas: Ecclesiae, 2018.

_____. **Suma contra os gentios**. Trad. Odilão Moura. Campinas: Ecclesiae, 2017.

_____. **Suma Teológica**. Vol. 1. Trad. Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2016.

_____. **Suma Teológica**. Vol 3. Trad. Alexandre Correia. 4 ed. Campinas: Ecclesiae, 2017.

_____. **Suma Teológica**. V. 4. Trad. Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2016.

SÃO CIRILO DE JERUSALÉM. **Catequeses mistagógicas**. Trad. Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 1977.

SÃO FRANCISCO DE SALES. **Filoteia**. Trad. João José P. de Castro. Petrópolis: Vozes, 2012.

SÃO GREGÓRIO DE NISSA. **A criação do homem; A alma e a ressurreição; A grande catequese**. São Paulo: Paulus, 2011. [Coleção Patrística].

SÃO JOSEMARÍA ESCRIVÁ. **É Cristo que passa**. Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2024.

_____. **Forja**. 4 ed. Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2016.

SÃO LEÃO MAGNO. **Sermões**. Trad. Sérgio José Schirato. São Paulo: Paulus, 1996. [Coleção Patrística].

SCHNEIDER, Theodor (Org.). **Manual de Dogmática**. Vol 1. Trad. Ilson Kayser, Luís Marcos Sander, Walter Schlupp. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Manual de Dogmática**. V. 2. Trad. Ilson Kayser, Luís Marcos Sander, Walter Schlupp. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SESBOŨÉ, Bernard. **O homem, maravilha de Deus**: ensaio de antropologia cristológica. Trad. Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulinas, 2021.

TANQUERAY, Adolphe. **Compêndio de teologia ascética e mística**. Trad. Dalton César Zimmermann. Campinas: Ecclesiae, 2018.

TOMÁS DE KEMPIS. **Imitação de Cristo**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2013.

TRESE, Leo. **A fé explicada**. Trad. Isabel Perez. 15 ed. São Paulo: Quadrante, 2021.

VAN DEN BORN, A. **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. 3 ed. Trad. Frederico Stein. Petrópolis: Vozes, 1971.

VESCHI, Benjamin. Etimologia de Economia. 2019. Disponível em: <https://etimologia.com.br/economia/>. Acesso em: 20/02/2024.

_____. Etimologia de pedagogia. 2019. Disponível em: <https://etimologia.com.br/pedagogia/>. Acesso em: 20/02/2024.

ZERWICK, Max. **A epístola aos Efésios**. Trad. Edmundo Binder. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1984. [Coleção Novo Testamento].